

O VOLUNTARIADO E O ATIVISMO SOCIAL

Caminhos para a participação no desenvolvimento humano



International Association for Volunteer Effort



CIVICUS: a Aliança Mundial para a Participação Cidadã é uma organização internacional, com sede na África do Sul, tendo associados e parceiros em mais de 100 países ao redor do mundo. Fundada em 1993, a CIVICUS promove a criação, o crescimento e a proteção de ações cidadãs em todo o mundo, especialmente em áreas onde a democracia participativa e a liberdade de associação dos cidadãos estejam ameaçadas. A visão da CIVICUS é de uma comunidade mundial de cidadãos informados, inspirados e comprometidos atuantes no combate aos desafios enfrentados pela humanidade. Em todas suas atividades, a CIVICUS trabalha em parceria com, e fortalece a capacidade de, parceiros-chave, associados e outras organizações intermediárias. Os associados e parceiros da CIVICUS constituem uma rede influente de organizações nos níveis locais, nacionais, regionais e internacional, que abrangem todo o espectro da sociedade civil, incluindo redes e organizações da sociedade civil, sindicatos, redes de base religiosa. A CIVICUS tem *status* consultivo com diversos órgãos globais, incluindo as Nações Unidas, o Banco Mundial e o Conselho Europeu.

A **Associação Internacional de Esforços Voluntários** (*International Association for Volunteer Effort - IAVE*) foi fundada em 1970 por um grupo de voluntários de diferentes lugares no mundo que viam no voluntariado um meio de criar ligações entre países e culturas. A IAVE existe para promover, fortalecer e celebrar o desenvolvimento do voluntariado mundialmente. É a única organização internacional com esta finalidade primária. Cresceu e se transformou em uma rede global de voluntários, organizações voluntárias, representantes nacionais e centros de voluntários, tendo associados em mais de 70 países, em todas as regiões do mundo. A maioria dos associados da IAVE vem de países em desenvolvimento. A IAVE está registrada como uma entidade filantrópica, na Califórnia, EUA, tendo um Estatuto que determina os princípios e os procedimentos que regem a instituição. A IAVE tem *status* consultivo especial no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas e status de associado junto ao Departamento de Informação Pública das Nações Unidas. É membro da Confederação de ONG da ONU, além de ter uma forte relação de trabalho com o programa de Voluntários das Nações Unidas (*United Nations Volunteers – UNV*).

O programa de **Voluntários das Nações Unidas** (*United Nations Volunteers – UNV*) é a organização da ONU que contribui para a paz e o desenvolvimento por meio do voluntariado em todo o mundo. O voluntariado é um meio poderoso de engajar as pessoas no enfrentamento de desafios para o desenvolvimento e é capaz de transformar o ritmo e a natureza do desenvolvimento. O voluntariado beneficia tanto a sociedade em geral quanto o indivíduo voluntário ao fortalecer a confiança, solidariedade e reciprocidade entre os cidadãos, e ao criar propositadamente oportunidades para a participação. O UNV contribui para a paz e para o desenvolvimento ao promover o reconhecimento de voluntários, ao trabalhar com parceiros para integrar o voluntariado na programação do desenvolvimento, e ao mobilizar um número cada vez maior e diversificado de voluntários, incluindo voluntários do UNV com experiência, em todo o mundo. O UNV abraça o voluntariado enquanto algo universal e inclusivo e reconhece o voluntariado na sua diversidade, assim como os valores que o sustentam: o livre arbítrio, o compromisso, o engajamento e a solidariedade.

A propriedade intelectual contida nesta obra, bem como os direitos plenos de reprodução e divulgação pertencem conjuntamente à CIVICUS, à IAVE e ao UNV. Esta publicação pode ser reproduzida para fins não comerciais. Também pode ser armazenada em sistemas de arquivamento e pode ser transmitida por diversos meios, inclusive meios eletrônicos e mecânicos, fotocópias, gravações ou outras formas afins. Em tais casos, a CIVICUS, a IAVE e o UNV devem ser citados como os autores da obra.

Agradecimentos

CIVICUS: a Aliança Mundial para a Participação Cidadã, a Associação Internacional de Esforços Voluntários (IAVE) e o programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV) gostariam de expressar sua gratidão aos muitos indivíduos que prestaram informações e apoiaram essa iniciativa conjunta.

Primeiramente, nossos agradecimentos a Karena Cronin, que foi co-autora desse artigo e que realizou o estudo de base que o fundamentou. Nossos agradecimentos sinceros à co-autora Helene Perold, Diretora da *Volunteer and Service Enquiry Southern Africa* (VOSESA), por seus inúmeros *insights* durante a pesquisa e sua forma cativante de escrever.

Agradecemos especiais aos líderes antigos e atuais de CIVICUS, IAVE e UNV – Kumi Naidoo e Ingrid Srinath (CIVICUS); Liz Burns e Dr. Kang-Huyn Lee (IAVE); e Sharon Capeling-Alakija, Flavia Pansieri e Ad de Raad (UNV) por sua visão, liderança e espírito de colaboração com este projeto.

Nossos agradecimentos sinceros também a Marianne Buenaventura, V. Finn Heinrich e Liz Robson (CIVICUS), Rose Ekeleme (IAVE), e Mae Chao e Robert Leigh (UNV) por seu inestimável apoio e orientação.

Agradecemos também os entrevistados das seguintes organizações por compartilharem suas diversas perspectivas : *Acción Internacional para la Salud Bolivia* e *Comité de Defensa de los Derechos del Consumidor*, Bolívia; *ActionAid International*, África do Sul; *Aga Khan Foundation*, *Aga Khan Development Network*, Reino Unido; *Anistia Internacional*, Reino Unido; *Association for Volunteer Services*, Líbano; *Association of Voluntary Service Organisations*, Bélgica; *Barbados Association of Non Governmental Organisations*, Barbados; *Campaign for Good Governance*, Serra Leoa; *CARE International in Egypt*, Egito; *Community Development Volunteers for Technical Assistance Cameroon*, Camarões; *Center for Social Development*, *Washington University in St. Louis*, EUA; *Presidência da Diretoria da CIVICUS*, Uruguai; *Integrantes do CIVICUS Youth Assembly Steering Committee*, Argentina e Brasil; *Civil Society Consulting Group LLC*, EUA; *Eco-Conservation Initiatives*, Paquistão; *Friedrich Ebert Foundation -- Jamaica and the Eastern Caribbean*, Jamaica; *Global Knowledge Network*, Malásia; *Global Youth Action Network*, EUA; *IAVE -- Colômbia*, França, Nigéria, Cingapura e EUA; *ICVolunteers*, Suíça; *Institute for Civic Education in Viet Nam*, Vietnã; *International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies*, Malásia e Suíça; *Just Peace International Inc.*, Paquistão; *Kuwait Association of Social Workers*, Kuwait; *Logolink*, Brasil; *Nahdet El Mahrousa*, Egito; *Network of NGOs of Trinidad and Tobago for the Advancement of Women*, Trindade e Tobago; *One Campaign*, EUA; *People's Watch*, Índia; *Portal do Voluntário*, Brasil; *Pro-Hope International*, Gâmbia; *Sisterhood is Global Institute*, Jordânia; *Skillshare International (UK)*, Reino Unido; *Times Foundation*, Índia; *Transparency International*, Alemanha; *UNAIDS*, Honduras; *PNUD*, Botsuana; *UNDP Chernobyl Recovery and Development Programme*, Ucrânia; *UNIFEM/UNV Engendering Budgets Programme*, Equador; *University of Wolverhampton*, Reino Unido; *Volunteering Development Cameroon*, Camarões; *Volunteer Development Scotland*, Escócia; *Volunteering Australia*, Austrália; *Youth Federation for Nature Conservation*, Quênia e a *Volunteer Development Agency*, Irlanda do Norte.

Também agradecemos às mais de 50 organizações que compartilharam suas histórias de ações voluntárias. Um agradecimento especial às organizações cujas histórias foram incluídas nesta publicação: *Acción Internacional para la Salud Bolivia*, Bolívia; *Cape Town Volunteer Centre*, África do Sul; *Community Development Volunteers for Technical Assistance Cameroon*, Camarões; *Centre des Recherches et d'Orientations Scientifiques*, República Democrática do Congo; *Global Call to Action Against Poverty*, África do Sul; *International Movement ATD Fourth World*, França; *Jeunes Volontaires pour l'Environnement*, Togo; *People's Watch*, Índia; *Pro-Hope International*, Gâmbia; *Shanti Sewa Ashram*, Nepal; *St Vincent de Paul Society Assisting Refugee Kids*, Austrália; *Soul Buddyz Club*, África do Sul; *Techo para Chile*, Chile; *UNIFEM/UNV*, Equador; *UNV China*, China; *VSO Bangladesh*, Bangladesh.

Nossos agradecimentos às seguintes pessoas para suas diversas contribuições para a publicação: Ludovic Aldersley, Amy Bartlett, Galia Chimiak, Kerry Constabile, Cecilia Dockendorff, Patricio Domínguez, Katsuji Imata, Viola Krebs, Dennis Lane, Jacob Mati, Rachel Moussie, Eugenia Mpofu, Lya Raudales, Christine Reilly, Michael Schoenke, Rejoice Shumba, Pascale Stephenson, Henri Valot, Alan Van Caeter e Abby Williamson.

Agradecemos também a Kerry de Gale e Bonny Jennings da *Into the Limelight Design Company* e a Nastasya Tay da CIVICUS, Scott McQuade do UNV e a Louise Kennedy da *White Dog Design*. Nossos agradecimentos também para a *Global Call to Action Against Poverty (GCAP)*, *Islamic Relief* e ao UNV pelas imagens da capa.

Por último, agradecemos a todos que ajudaram a traduzir o documento: Marie-Gabrielle Denizet, voluntária temporária, Colette Robert, voluntária com France Bénévolat, e Julia Sestier e Henri Valot de CIVICUS, pela tradução em francês; a voluntária on-line do UNV, Delia Tasso, e a colaboradora do UNV, Alba Candel Pau, pela tradução em espanhol; o Instituto C&A de Desenvolvimento no Brasil, pela tradução em português; e os colaboradores/voluntários da IAVE, Sergey Aleshenok, Galina Bodrenkova, Galina Kupriyanova e Nargis Nurullo e a colaboradora da CIVICUS, Tanzilya Salimdjanova, pela tradução em russo.

O VOLUNTARIADO E O ATIVISMO SOCIAL

Caminhos para a participação no
desenvolvimento humano

ÍNDICE

Sumário executivo.....	1
Introdução	3
Percepções do voluntariado e do ativismo social.....	4
Como o voluntariado e o ativismo social promovem a participação	9
Participação e desenvolvimento.....	14
Ampliando e sustentando a participação	19
O caminho a seguir	23

O VOLUNTARIADO E O ATIVISMO SOCIAL

Caminhos para a participação no desenvolvimento humano

Sumário executivo

Tanto o voluntariado quanto o ativismo social são estratégias importantes para promover a participação das pessoas nas mudanças sociais e no desenvolvimento humano. Esta é uma das principais conclusões de um estudo realizado em 2007/8 pela CIVICUS: a Aliança Mundial para a Participação Cidadã, a Associação Internacional de Esforços Voluntários (IAVE) e o Programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV).

O voluntariado engloba uma ampla gama de atividades, incluindo visitas a pessoas doentes, sensibilização sobre o HIV/Aids, plantio de árvores e a promoção dos direitos humanos. Embora algumas vezes, o voluntariado e o ativismo social sejam vistos como áreas diferentes de atuação, na verdade existe uma relação dinâmica entre eles. Juntos, ambos contribuem para o envolvimento de pessoas visando ao alcance de compromissos voltados para o desenvolvimento, como as Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDM).

O voluntariado, assim como o ativismo social, pode ter objetivos claros e estar voltado para mudanças. Por exemplo, o voluntariado pode ter como objetivo influenciar o estabelecimento de agendas, a formulação de políticas, a tomada de decisões e a representação. Também pode promover mudanças sociais ao contribuir para a transformação pessoal, por meio da qual os indivíduos mudam suas convicções, perspectivas e comportamentos cotidianos a partir do momento em que se sensibilizam ou adquirem um novo entendimento a respeito de determinada situação.

O voluntariado e o ativismo social se apoiam mutuamente ao promoverem a participação de pessoas vindas de contextos variados. O voluntariado pode ajudar às pessoas a tomarem o primeiro passo rumo ao envolvimento duradouro no desenvolvimento. O ativismo social, por outro lado, desempenha um papel importante de liderança, definindo áreas para o engajamento e a mobilização de indivíduos. E o ativismo social depende das contribuições de voluntários para poder efetuar a mudança que busca alcançar.

Com suas características em comum e sua complementaridade, o voluntariado e o ativismo social ajudam a promover a inclusão social, proporcionam oportunidades a grupos marginalizados, tais como mulheres pobres que participam de processos inclusivos de desenvolvimento. Os voluntários são fonte importante de conhecimento para programas de desenvolvimento e podem ajudar a garantir que campanhas de *advocacy* relacionadas ao desenvolvimento sejam relevantes e legítimas. Ao participarem do voluntariado ou do ativismo social, ou de ambos, as pessoas podem adquirir segurança, habilidade e conhecimentos necessários para promover mudanças em seu mundo.

Alcançar a meta de aprofundar e sustentar a participação depende da criação de oportunidades novas, diversas e variadas de envolvimento. Por exemplo, os centros de voluntários podem ajudar a ampliar as oportunidades de envolvimento oferecidas ao público. Investimentos na boa gestão de voluntários e no reconhecimento dos mesmos podem resultar em mudanças mais impactantes. O governo, a sociedade civil, o setor privado e as agências internacionais têm um papel a desempenhar na promoção de um ambiente propício para a participação das pessoas.

Cumprir as Metas de Desenvolvimento do Milênio até 2015 depende da participação de pessoas comuns no processo do desenvolvimento. Este artigo sugere que o voluntariado e o ativismo social têm o potencial de contribuir para promover o grau e a diversidade de participação necessários para enfrentar as principais tensões e desafios atuais para o desenvolvimento.

CIVICUS: a Aliança Mundial para a Participação Cidadã, a Associação Internacional de Esforços Voluntários (IAVE) e o programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV) estão unidos na convicção de que por meio de um entendimento compartilhado das características comuns e interdependentes do voluntariado e do ativismo social, seja possível desencadear o potencial enorme do voluntariado para o avanço do desenvolvimento humano.

O VOLUNTARIADO E O ATIVISMO SOCIAL

Caminhos para a participação no desenvolvimento humano

Introdução

O Relatório de 2002 sobre o Desenvolvimento Humano, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), intitulado *Fortalecendo a Democracia em um Mundo Fragmentado*, observa que o voluntariado é uma área que possui “um escopo enorme para ampliar a participação no controle social e na promoção de resultados mais equitativos para a população”.

Reconhecendo o quanto a participação e a mudança social são essenciais para o desenvolvimento, três organizações parceiras – CIVICUS: a Aliança Mundial para a Participação Cidadã, a Associação Internacional de Esforços Voluntários (IAVE) e o programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV) – encomendaram em conjunto um estudo no ano de 2006 para examinar a relação entre o voluntariado e o ativismo social na promoção do desenvolvimento. Este artigo se baseia nas principais conclusões e temas que surgiram a partir desse documento.

O estudo contou com contribuições das três organizações parceiras, envolveu mais de 100 organizações geograficamente diversas que atuam com programas de voluntário, além de captar as experiências de indivíduos de 54 países. Participaram do estudo organizações de base comunitária (OBC), grandes organizações não governamentais internacionais (ONG), incluindo centros de voluntários, organizações de encaminhamento de voluntários, iniciativas juvenis, centros e institutos de pesquisa. Também participaram organizações da sociedade civil (OSC) voltadas para os direitos humanos, o meio ambiente, a violência entre gêneros, a saúde, a boa governança, questões humanitárias e o desenvolvimento internacional.

O estudo mostra que há uma diversidade de interpretações a respeito do voluntariado determinadas por contextos e experiências diferentes. Analisadas em conjunto, contudo, elas nos ajudam a entender a gama de ações por meio das quais as pessoas buscam provocar mudanças sociais positivas em circunstâncias que produzem condições de pobreza, desigualdade e subdesenvolvimento ao redor do mundo. Central à compreensão dessas ações é a noção da participação das pessoas, que expressa solidariedade, incentiva a coesão social e promove o desenvolvimento participativo.

Este artigo examina as seguintes questões, utilizando como subsídio o estudo de base acima mencionado:

- Qual é o entendimento que se tem do voluntariado e do ativismo social?
- Como o voluntariado e o ativismo social promovem a participação das pessoas?
- Qual é a relação entre a participação e o desenvolvimento?
- O que é necessário para ampliar e sustentar a participação?

O voluntariado é tão diverso quanto os indivíduos que se voluntariam.

Seja na promoção dos direitos das pessoas com necessidades especiais, o plantio de árvores, visitas a pessoas doentes, a organização de reuniões sobre o desenvolvimento da comunidade, sensibilização sobre o HIV/Aids, ensinando uma menina a ler ou captando fundos para um orfanato, essas diversas formas de voluntariado são todas exemplos da maneira como as pessoas estão vendo o mundo e participando de ações de solidariedade, desenvolvimento e mudança social.

Este artigo examina a relação entre o voluntariado e o ativismo social, analisando as muitas e variadas formas de voluntariado. O propósito do artigo é promover um entendimento compartilhado de como formas diferentes de voluntariado contribuem para o alcance de metas locais e nacionais de desenvolvimento, bem como compromissos globais de desenvolvimento, como as Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDM).

Percepções do voluntariado e do ativismo social

Vamos considerar os seguintes cenários: ¹

Após o falecimento de seu marido, Noelle, da África do Sul, resolveu ser voluntária no Hospital de São Lucas, motivada pelos cuidados e apoio que deram quando seu marido estava doente. Com o apoio do Centro de Voluntários da Cidade do Cabo, Noelle tem cuidado de pacientes e proferido aconselhamento aos familiares dos que faleceram no Hospital durante quase 11 anos. Ela aprendeu novas habilidades e afirma que o voluntariado lhe deu o espaço necessário para adquirir maior autoconfiança e espiritualidade. Voluntária dedicada há muito tempo, Noelle disse que será voluntária do Hospital de São Lucas pelo resto da vida.

Francis é voluntário da organização *Community Development Volunteers for Technical Assistance* (CDVTA) no Camarões, onde doa seu tempo ajudando os idosos em sua comunidade a limparem suas casas, trazerem água e plantarem suas hortas. Hoje à noite, ele terá uma reunião com autoridades do governo local, líderes tradicionais e outros membros da comunidade com o objetivo de convencê-los de que as necessidades e os direitos dos idosos em sua comunidade precisam de mais atenção.

Kafui é professora no Togo e atua como voluntária junto com um grupo de mulheres em sua aldeia. Esta semana, ensinou às mulheres como utilizar energia solar para purificar a água e para cozinhar. Na semana que vem elas vão aprender como fazer fogões solares com papelão e alumínio. Mas foi hoje que Kafui percebeu que as mulheres estão ganhando mais respeito dos líderes tradicionais que ficaram impressionados com seus conhecimentos e habilidades em gestão de recursos naturais.

No estado indiano de Tamilnadu, Kabir é voluntário da *People's Watch*, uma organização não governamental de promoção dos direitos humanos. Ele visita escolas para ensinar às crianças que todo indivíduo tem direitos humanos, independente de diferenças de classe social, gênero ou religião. Desta maneira, pretende incentivar uma cultura de igualdade e dignidade humana.

Nina é estudante em Manila, nas Filipinas e começou a ser voluntária para ajudar crianças de rua em sua cidade. *"Fiquei sabendo a respeito dos 'miseráveis urbanos', por meio de estatísticas", diz ela, "e eu tinha medo do contato com essas pessoas. Agora, pude conhecer Aldo, Jéssica, Léo e outras crianças. Descobri que são crianças com sonhos e expectativas, iguais a qualquer outra criança"*. ² Ela continua a participar de atividades na comunidade a fim de entender melhor as realidades cotidianas de pessoas em situação de pobreza.

No Equador, uma reunião comunitária está acontecendo. Entre os participantes há várias mulheres representando seus maridos que estão trabalhando em outros locais na região. Pelo menos, foi assim que começou. Hoje, as mulheres pretendem levantar uma questão que as afeta como mulheres – a falta de água limpa na cidade e os problemas que isso causa entre crianças pequenas. Elas querem sugerir que agindo como voluntárias podem ajudar a monitorar o abastecimento de água e avisar as autoridades governamentais locais quando surgem problemas em suas comunidades.

Simon está trabalhando no seu computador em Londres. Como voluntário virtual, ele participa de atividades de sensibilização, campanhas e atividades de *advocacy* como parte da *Global Call to Action Against Poverty* (GCAP), o maior movimento da sociedade civil do mundo. Simon é um dos milhões de voluntários, incluindo as próprias pessoas pobres, que estão pedindo o fim da pobreza e da desigualdade global, inclusive no seu próprio país. Em 2007, no Dia Internacional pela Erradicação da Pobreza (17 de outubro), Simon e mais 45 milhões de voluntários fizeram um apelo aos governos para que disponibilizem os recursos necessários para cumprir e ultrapassar as Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDM) até 2015. Será necessária a atuação voluntária de outros milhões de pessoas no nível local, nacional e internacional para poder cumprir as MDM até 2015.

Estes exemplos mostram que os voluntários são um grupo diverso de pessoas que realizam um sem-fim de atividades. Jovens e idosos, homens e mulheres, profissionais e amadores, pessoas de todas as crenças religiosas e de todas as cores, pessoas com deficiência e pessoas fisicamente capazes, pobres, ricos e de todos os níveis socioeconômicos intermediários, os voluntários fazem inumeráveis contribuições para a democratização, facilitando as mudanças sociais e fazendo com que o desenvolvimento avance.

O voluntariado pode ser dividido em quatro categorias:³

1. Ajuda mútua ou auto-ajuda;
2. Filantropia ou servindo aos outros;
3. Participação cívica, e
4. *Advocacy* ou realização de campanhas.⁴

Entendido desta forma, o voluntariado engloba uma ampla gama de ações, tais como a participação em um grupo de apoio para pessoas vivendo com HIV/Aids (PVHA), a organização de um evento de captação de fundos, a distribuição de comida e cobertores em seguida a um desastre natural, participação no planejamento do desenvolvimento local, incidindo para promover os direitos de populações indígenas e promovendo campanhas contra a violência de gênero.

Contudo, esse leque de ações também caracteriza aspectos de ativismo, muitas vezes associados a estratégias como o *lobby*, o *advocacy*, a negociação, protestos, realização de campanhas e sensibilização.⁵

Essa aproximação da natureza e do escopo das atividades de voluntariado e de ativismo aponta para a possibilidade de uma relação dinâmica entre estas duas esferas de ação. Entretanto, uma preocupação persiste entre algumas pessoas da sociedade civil, do governo e do setor privado, acerca da associação do voluntariado ao ativismo. Com efeito, algumas vezes o voluntariado e o ativismo são entendidos como sendo atividades mutuamente excludentes, tendo comunidades distintas de interesse.

Entender o voluntariado e o ativismo como esferas totalmente separadas tem contribuído para a desvalorização de ambos os conceitos para algumas pessoas. Em algumas oportunidades o voluntariado tradicional tem sido criticado como sendo um 'curativo' para os problemas da sociedade, onde a emenda fica pior que o soneto por desviar a atenção das causas primárias de problemas como a pobreza e a injustiça. Esta visão tem incluído a noção de que o voluntariado é prejudicial ao envolvimento e à ação política, frustrando oportunidades de conseguir as mudanças estruturais necessárias.⁶ Uma visão igualmente estreita do ativismo também existe: Em muitos casos é retratado como sendo elitista e irrelevante para os problemas reais, sendo vinculado à desordem pública e, inclusive à violência. Mas será que esse entendimento polarizado do voluntariado e do ativismo reflete com precisão a realidade e a diversidade das pessoas que participam das atividades nas que se agrupam, em potencial, sob cada um desses rótulos?

- Se o voluntariado engloba atividades com *advocacy*, a realização de campanhas e a participação cívica (conforme sugerido pelos cenários mencionados acima), não haveria então algo em comum com o ativismo?
- Caso afirmativo, poderia existir uma relação de apoio mútuo entre as duas esferas de atividade?

Un Techo para Chile (Um Teto para o Chile): Construindo a esperança, uma casa de cada vez

Em 1997, um grupo de jovens chilenos, preocupado com a pobreza extrema em seu país, se deu a tarefa de construir 350 casas básicas para famílias moradoras de favelas. Seria um projeto de curto prazo, mas à luz do sucesso e a necessidade contínua de moradia nas áreas pobres do Chile, os jovens resolveram continuar com seus esforços voluntários.

Até o ano 2000, os voluntários haviam construído 2.000 *mediaguas* (casas básicas). Apenas no ano de 2000, foi construído o número extraordinário de 5.701 casas básicas. Agora com escritórios regionais em todo o Chile e mais oito países da América Latina, o grupo não só melhorou a situação de moradia de milhares de chilenos e latino-americanos, como também promoveu a sensibilização a respeito da pobreza e da necessidade de ter moradia adequada para os pobres.

Esses voluntários contribuíram para o alcance da Meta de Desenvolvimento do Milênio nº 7, que busca criar a sustentabilidade ambiental por meio de uma melhoria significativa na vida dos moradores de favelas.

Antecipando o aniversário dos 200 anos do Chile, o governo chileno quer ver o fim das favelas até o ano 2010, o que pode ser, em parte, atribuído ao trabalho da organização *Un Techo para Chile*.⁷

Em um discurso sobre o Ano Internacional do Voluntário (2001), Kumi Naidoo, agora Presidente Honorário da CIVICUS: a Aliança Mundial para a Participação Cidadã, argumentou: “Ao mesmo tempo em que há um número crescente de cidadãos cada vez mais envolvidos com esforços de advocacy e... trabalhando para combater as causas primárias da pobreza, injustiça e desigualdade, [também] há cidadãos se esforçando para ajudar a trazer serviços para suas comunidades através do voluntariado. As duas atividades não são mutuamente excludentes”.⁸

“Ajudar a fazer a coisa certa e ajudar pessoas, faz parte da promoção de um sistema que é mais justo e mais eqüitativo.”

Co-fundador e diretor da *Transparency International*

ÁREAS EM COMUM ENTRE O VOLUNTARIADO E O ATIVISMO SOCIAL

O estudo de base mostra que há três áreas em comum entre o voluntariado e o ativismo social.

Primeiro, ambos **promovem oportunidades para a participação** de pessoas em situações e circunstâncias bastante diversas. Além disso, tanto o voluntariado como o ativismo refletem uma escolha pessoal de se envolver na comunidade e na

comunidade.⁹ O que é significativo é que ambos atraem pessoas diferentes, em ocasiões diferentes, proporcionando-lhes um rico leque de oportunidades para se envolverem com ações capazes de contribuir para uma mudança social positiva.

O estímulo para agir varia desde um desejo de ajudar os outros, atendendo necessidades básicas como comida, abrigo e água potável, até o interesse em mudar políticas, sensibilizar e empoderar grupos desamparados. Embora essas ações possam ser realizadas por diversos motivos, desde o altruísmo até o interesse próprio, o que une as pessoas é o desejo em comum de serem cidadãos ativos – de doar e também de tentar mudar as condições que causam o sofrimento humano.¹⁰

Durante uma entrevista para o estudo de base, o diretor da *Volunteering Development Agency* na Irlanda do Norte disse: “O ativismo social começa com exatamente a mesma premissa que o voluntariado – pessoas que doam seu tempo e que querem produzir uma mudança em sua comunidade. Todos os voluntários que eu conheço são ativistas sociais em maior ou menor grau”.¹¹ Ao mesmo tempo, há uma perspectiva diferente: Segundo o presidente e diretor da *Association for Volunteer Services* no Líbano “o ativismo social pode abranger o voluntariado, ou não”.¹² A análise dessa relação entre o voluntariado e o ativismo social continua na próxima seção.

Segundo, o estudo de base mostra que **tanto o voluntariado como o ativismo social podem ser significativos e voltados para a mudança**. Alguns entrevistados percebem o ativismo social como uma tentativa proposital de mudar uma realidade social e encaram os voluntários como pessoas que não necessariamente querem mudar o *status quo*. Contudo, isso também demonstra que, assim como o ativismo social, o voluntariado também pode ser significativo e voltado para a mudança.

SPARK: Mudando o mundo, uma criança de cada vez

Milhares de refugiados de países assolados por guerras têm fugido para a Austrália para começar uma vida nova. Num momento em que a aceitação de refugiados na comunidade não foi incentivada, o programa *St. Vincent de Paul Society Assisting Refugee Kids* (SPARK) foi lançado para ajudar um número cada vez maior de refugiados, sobretudo crianças com pouco ou nenhum conhecimento da língua inglesa. Voluntários comunitários apóiam mais de 100 crianças em idade escolar, crianças pré-escolares e pais por meio de um programa de assistência, um clube de dever de casa e aulas de inglês, saúde e nutrição.

Falando sobre o que a motivou a ser voluntária do SPARK, Maria Franco, 21 anos, disse: “o SPARK me permite mudar o mundo, uma criança de cada vez. É uma forma proativa não só de repassar meus conhecimentos para a próxima geração, como também garantir que eles tomem o controle de seu próprio futuro por meio do acesso ampliado a informações e habilidades”.

Como voluntária, Maria Franco está fazendo sua parte nos esforços para cumprir a Meta de Desenvolvimento do Milênio nº 2, que visa atingir o ensino básico universal para meninas e meninos.¹³

Por exemplo, existe o ponto de vista que defende a idéia de que o desejo de promover mudança é um elo comum entre o ativismo social e o voluntariado: ambos são motivados pelo “*desejo de contribuir para mudanças nas comunidades em que atuam*”, disse o fundador e diretor executivo da organização *Volunteering Development Cameroon*.¹⁴ Reforçando essa idéia, o diretor da *Volunteering Development Agency* da Irlanda do Norte destaca que voluntários que querem cuidar de pessoas vivendo com HIV/Aids (PVHA) “*doam seu tempo para prestar serviços, [mas] todos também querem mudar atitudes e promover os direitos [de PVHA e suas famílias que muitas vezes sofrem discriminação]*”.¹⁵ De modo geral, tanto voluntários como ativistas são vistos como sendo motivados por uma paixão e por um compromisso para com uma determinada causa. Conforme percebe a coordenadora da *Network of NGOs of Trinidad and Tobago for the Advancement of Women*, às vezes isso inclui um compromisso compartilhado “*com a mudança, com a mudança social sustentável*”.¹⁶

Falando sobre o trabalho do *International Movement ATD Fourth World*, um integrante do corpo de voluntários da instituição disse: “*O voluntariado para nós é uma demonstração de ativismo; é inevitavelmente 'político'*”.¹⁷ O trabalho do *ATD Fourth World*, bem como o trabalho de muitas das organizações entrevistadas para o estudo de base, demonstra que voluntários muitas vezes realizam atividades explicitamente focadas em mudança social. Por exemplo, voluntários se reúnem diretamente com gestores de serviços públicos e líderes tradicionais para promover os direitos de grupos marginalizados, realizar pesquisas baseadas em evidências para fundamentar campanhas de *advocacy*, fazem *lobby* para a aprovação de legislação sobre nutrição infantil, violência de gênero e inclusão social, dão visibilidade através de manifestações públicas e campanhas de mala direta e integram comissões locais para o desenvolvimento. Desta forma, estão agindo para promover a Meta de Desenvolvimento do Milênio nº 1, que visa erradicar a extrema pobreza e a fome, e a MDM 3, cujo enfoque é a promoção da igualdade entre os sexos e o empoderamento das mulheres.

O voluntariado promove a mudança social não somente por influenciar processos políticos, como o estabelecimento de agendas, a formulação de políticas e a representação, mas também porque é capaz de mudar as relações entre pessoas oriundas de áreas diferentes da sociedade. Outra ilustração de como o voluntariado promove a mudança social pode ser vista no trabalho da *Jeunes Volontaires pour l'Environnement - JVE* (Voluntários Jovens pelo Meio Ambiente) no Togo, que aborda as relações de gênero no nível comunitário. Desde que as mulheres foram treinadas no uso da energia solar para purificar a água e cozinhar, suas opiniões sobre questões relativas à gestão de recursos naturais passaram a ser mais respeitadas por líderes tradicionais. Embora seja fora do escopo deste artigo medir o impacto deste treinamento sobre as relações de gênero, as mulheres nesta comunidade em particular ganharam mais controle sobre decisões relativas ao meio ambiente, e houve pequenos avanços rumo à Meta de Desenvolvimento do Milênio nº 3, o empoderamento de mulheres.

Um artigo publicado no *Australian Journal on Volunteering*, explorando a relação entre o voluntariado e a participação cívica, sugere que, “*O voluntariado pode ser político de várias maneiras, inclusive nas relações de poder que enfatiza ou cria, nas críticas implícitas ao sistema de assistência social ou bem-estar em uma comunidade, à ação ou falta de ação pelos governos em relação a uma determinada questão, às escolhas de vida de membros da comunidade, ou simplesmente na ênfase que coloca no papel que os indivíduos têm no funcionamento da sociedade*”.¹⁸ Isto sugere que as dimensões beneficentes, humanitárias e filantrópicas do voluntariado também podem ser consideradas ‘políticas’ na medida em que destacam necessidades básicas e ao mesmo tempo chamam a atenção do governo, da sociedade civil e do setor privado sobre a necessidade imperativa de mudar suas respostas às condições que produziram tais necessidades.

O voluntariado também pode promover a transformação pessoal, de modo que os indivíduos mudem suas convicções, perspectivas e comportamentos cotidianos a partir do momento em que passam a estar sensibilizados ou a ter um novo entendimento sobre uma determinada situação. *Shanti Sewa Ashram*, uma entidade filantrópica que atua no Nepal, está promovendo essa dimensão de mudança social ao contestar a discriminação baseada em convicções religiosas. Por meio de programas de conscientização e encontros interdenominacionais, a *Shanti Sewa Ashram* busca promover maior entendimento entre as religiões e, por fim, promover a paz em um país em que as tensões religiosas já resultaram em violência contra muçulmanos, como por exemplo, no ano de 2004 em seguida à execução de cidadãos nepaleses no Iraque.¹⁹

Terceiro, tanto o voluntariado como o ativismo social podem servir como **uma ferramenta para o desenvolvimento**, em particular colaborando para cumprir objetivos de desenvolvimento que se enquadram dentro das Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDM). A maioria das pessoas entrevistadas comentou que tanto o voluntariado quanto o ativismo social respondem aos principais desafios atuais para o desenvolvimento. Expressando essa percepção, um nigeriano diretor da IAVE e representante da região africana disse: *“Voluntários e ativistas estão atuando juntos para um mundo melhor e mais justo, livre de pobreza, analfabetismo, doença, discriminação e para garantir o respeito aos direitos humanos e às leis, embora a abordagem [pode] variar”*.²⁰

Com efeito, pesquisas mostram que a participação inclusiva na identificação, elaboração, implementação e monitoramento de projetos de desenvolvimento é crucial para seu sucesso e sua sustentabilidade.²¹ Ao descrever os desafios para o combate à pandemia do HIV/Aids, o coordenador do programa internacional de HIV/Aids da *ActionAid International* disse: *“Enxergamos o voluntariado no sentido amplo da palavra. O que queremos alcançar vai precisar de muita doação de tempo, habilidades, recursos e as energias das próprias pessoas pobres e excluídas”*.²² O ativismo social pode apoiar esse trabalho ao focar uma perspectiva de desenvolvimento baseada em direitos, que incorpore a idéia de que o combate à pobreza e à desigualdade trata-se fundamentalmente de garantir que todas as pessoas possam gozar de seus direitos humanos inalienáveis. O coordenador de governança e envolvimento cívico da *CARE International* no Egito sugeriu que *“ao reunir uma perspectiva de direitos com uma perspectiva de necessidades”*, o desenvolvimento não se trata mais apenas de dar água para as pessoas porque estão precisando,²³ e sim porque elas têm o direito à vida e a um padrão de vida adequado para a saúde e o bem-estar.²⁴ Essa abordagem híbrida enfoca o direito ao acesso à água potável, um dos objetivos da Meta de Desenvolvimento do Milênio nº 7, que visa garantir a sustentabilidade ambiental.

Ao lidar com as conseqüências de desastres naturais, guerras e conflitos, voluntários e ativistas desempenham um papel chave ao colaborarem para o retorno da paz e da estabilidade, amplamente reconhecidas como pré-condições fundamentais para o desenvolvimento sustentável. Por exemplo, na República Democrática do Congo, onde a violência ceifou a vida de mais de cinco milhões de pessoas, voluntários estão ajudando a responder ao que o *Centre des Recherches et d'Orientations Scientifiques – CROS* (Centro de Pesquisa e Orientação Científica) está chamando de uma “crise dos valores humanos da harmonia e da integridade” ao organizarem campanhas de promoção da diversidade e de uma sociedade multicultural e de paz.²⁵

O voluntariado e o ativismo social não são apenas veículos importantes para o desenvolvimento; também são importantes para o desenvolvimento participativo. Ao falar sobre a importância do envolvimento de cidadãos comuns ao redor do mundo em processos de desenvolvimento, o ex-coordenador executivo do programa de Voluntários das Nações Unidas, Ad de Raad, disse: *“Esforços por parte dos governos nacionais em cumprir as Metas de Desenvolvimento do Milênio, mesmo quando apoiados pela comunidade internacional, terão um impacto limitado se não houver contribuições significativas pelo voluntariado. Os beneficiários de serviços precisam estar diretamente envolvidos nos eventos e nos processos que afetam suas vidas. Seu envolvimento ativo e o envolvimento de milhões de outras pessoas como eles são a chave para atingir as Metas de Desenvolvimento do Milênio”*.²⁶

Como o voluntariado e o ativismo social promovem a participação

Em sociedades democráticas, um dos desafios para a participação das pessoas é a promoção de um ambiente em que indivíduos de todas as áreas sociais sejam incentivados a participar de questões locais, nacionais e internacionais – questões sociais, econômicas e políticas – no período entre uma eleição e outra. A participação cívica toma formas diferentes e ajuda a construir confiança e transparência entre os cidadãos e o estado. Também contribui para a inclusão social e a construção da coesão social dentro de comunidades. Em estados não-democráticos e autoritários, a falta de interação entre os cidadãos e o estado reflete a falta de participação, confiança e transparência. O desafio neste caso é o reconhecimento da contribuição das ações dos cidadãos, por menores que sejam, para o resgate e para a abertura do espaço em que se possa criar uma realidade social mais justa, mais inclusiva e mais equitativa.

Tanto o voluntariado quanto o ativismo social têm um papel a desempenhar na promoção de uma participação maior na sociedade. Nas palavras da ex-presidente da IAVE, Liz Burns, *“Sabemos que as MDM não podem ser alcançadas sem o envolvimento ativo dos cidadãos do mundo como voluntários e ativistas. Portanto, precisamos trabalhar juntos para dismantelar barreiras como aquelas que ainda existem entre ‘voluntários’ e ‘ativistas’”*.²⁷

O estudo de base revelou que o ativismo social e o voluntariado se complementam e se apóiam de quatro maneiras diferentes na promoção da participação, conforme descritas abaixo.

O VOLUNTARIADO PODE AJUDAR AS PESSOAS A DAREM O PRIMEIRO PASSO RUMO AO ENVOLVIMENTO DURADOURO NO DESENVOLVIMENTO

O estudo de base mostra que quando uma pessoa acredita que pode fazer a diferença e dá o primeiro passo rumo à participação, isto é crítico para a promoção da cidadania ativa duradoura, variando desde formas tradicionais de voluntariado até o ativismo social. A Presidência da Diretoria da CIVICUS resume assim: *“Voluntários esporádicos podem se tornar ativistas sociais”*,²⁸ enquanto um voluntário internacional do UNV junto ao Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS) disse: *“Eu acredito que a base do ser ativista é ser voluntário”*.²⁹

Segundo seu diretor, o trabalho da *Volunteer Development Agency* na Irlanda do Norte ratifica essa afirmação:

“Nossas pesquisas mostram que quando a pessoa é voluntária é mais provável que esteja envolvida em outras formas de participação cívica, como abaixo-assinados, envio de cartas e votação nas eleições. Ela pode ser uma voluntária em um contexto tradicional ou ser voluntária como parte de um grupo de teatro: na verdade não importa exatamente o que ela faz, parece que o simples fato de doar o tempo faz com que as pessoas se tornem mais conscientes de como sua comunidade funciona e lhes dá certo sentimento de pertencimento e responsabilidade”.³⁰

Outro estudo sobre mulheres voluntárias e ativistas mostra que é mais provável que sejam ativistas aquelas mulheres que acreditavam na sua própria capacidade de fazer as coisas acontecerem.³¹

Essa perspectiva contesta idéias limitadas sobre a natureza da participação. Enquanto algumas pessoas somente se envolvem em formas tradicionais de voluntariado ou em ativismo político direto, o estudo de base mostra que a maioria dos indivíduos se envolve em formas de participação amplamente diversas no decorrer de suas vidas, e que a forma de participação pode mudar. Vamos considerar os seguintes depoimentos pessoais de um voluntário que atua no *Atlas Service Corps* nos Estados Unidos, e do diretor executivo de *Nahdet El Mahrousa*, uma organização de jovens empreendedores sociais egípcios:

“Quando eu e meus amigos assistíamos aos desdobramentos da terrível tragédia do terremoto de Gujarat, percebemos que não bastava termos dó por tudo que estava acontecendo.

Fizemos telefonemas e circulamos e-mails para captar fundos para comprar suprimentos de emergência, que nós mesmos transportamos para a área devastada. Percebi que a diferença que fizemos, por pequena que fosse, significou muito para as pessoas que precisavam. Isto me incentivou a trabalhar em projetos contra o tráfico de seres humanos durante quatro anos, antes de me candidatar para ingressar no Atlas Corps nos EUA. Atualmente, trabalho como voluntário da organização 'Free the Slaves' (Libertem os Escravos).

*Trabalho em equipes com organizações parceiras, e as histórias que ouço me inspiram a lutar pelo que é justo e nada menos que isso”.*³²

*“Acho que é uma progressão muito natural. Primeiro, comecei a me voluntariar. É um passo extremamente necessário para entender a sociedade civil na qual você está inserido e para perceber as lacunas dessa sociedade. Você tem que ter tido experiência no campo para poder identificar essas [lacunas] e para ter idéias sobre como resolver os problemas”.*³³

Conforme demonstram os cenários acima, a participação por meio do voluntariado pode promover a coesão social e direcionar os indivíduos para um envolvimento mais duradouro em atividades de desenvolvimento. Um dos entrevistados salientou que indivíduos que colaboram voluntariamente em eventos esportivos muitas vezes são os mesmos indivíduos que participam de reuniões comunitárias com gestores governamentais para discutir problemas da comunidade.³⁴ Assim como é mais provável que indivíduos que participam também tenham um papel ativo em várias questões cívicas,³⁵ é mais provável que os indivíduos que se tornam voluntários ainda quando são jovens continuem participando mais tarde na vida. Por exemplo, um estudo de 2007 publicado no *American Educational Research Journal* identifica o serviço comunitário prestado por estudantes durante o ensino médio como sendo um forte indicador da participação cidadã no processo eleitoral e no voluntariado na vida adulta.³⁶

Isto sugere que as pessoas podem mudar de ações voluntárias pontuais para o envolvimento mais duradouro em atividades relacionadas ao desenvolvimento e à mudança e vice-versa. Essas progressões podem facilitar um entendimento mais aprofundado das questões que produzem as condições que voluntários e ativistas sociais pretendem reverter, e podem fortalecer a inclusão social ao promover a participação das pessoas em atividades que visam mudar essas condições.

O ATIVISMO SOCIAL PODE PROPORCIONAR LIDERANÇA, DEFINIR ÁREAS DE ATUAÇÃO E MOBILIZAR OS INDIVÍDUOS

A liderança proporcionada por ativistas sociais é crítica para a mobilização das pessoas como parte de uma causa maior. A boa liderança canaliza energias e habilidades para o enfrentamento de desafios para o desenvolvimento, como a redução da pobreza extrema, a melhoria da igualdade de gênero, o fim da pandemia do HIV/Aids e o combate às mudanças climáticas.

Ao mesmo tempo, precisamos reconhecer que os próprios ativistas sociais muitas vezes também são voluntários, e que ativismo social não poucas vezes depende de voluntários para que seja feito o trabalho do qual a mobilização depende.

Vários entrevistados descreveram a importância do papel de ativistas sociais em nortear ações sociais e unir esforços individuais visando a mudanças sociais focadas:

“Acho que o ativismo social significa cidadãos de um país preparados para se organizarem em torno de uma determinada questão ou problema a fim de promover mudança”.

Diretor do programa da sociedade civil, *Aga Khan Foundation, Aga Khan Development*

“Ativismo é um tipo de ligação que une as pessoas de uma sociedade em torno de um objetivo comum”.

Voluntário nacional do programa de Voluntários das Nações Unidas, aprimoramento da capacidade comunitária UNV/PNUD

“Talvez o ativismo seja um ato mais coletivo que o voluntariado, o qual também pode ser coletivo, mas muitas vezes ocorre em grupos menores ou na forma de uma tarefa individual”.

Arquiteto, *World Volunteer Web*

“Você procura mobilizar outras pessoas para que a situação mude”.

Fundadora e coordenadora geral do *Sisterhood is Global Institute* – Jordânia

“Ativismo social significa incentivar as pessoas a participarem”.

Presidente, *Kuwait Association of Social Workers*

VSO Bangladesh: Comitês de Cidadãos Voluntários para o desenvolvimento

O que acontece no nível local é crítico para o desenvolvimento de um país, sobretudo em relação ao cumprimento das MDM. Apoiada por parceiros nacionais, a *VSO Bangladesh (VSOB)* formou Comitês de Cidadãos (CC) no nível de bairros e municípios, compostos por membros da comunidade, incluindo mulheres e jovens, selecionados por meio de um processo participativo e democrático.

Até o momento, foram estabelecidos 216 CC de bairro e 24 *Parishad* municipais. Integrantes dos CC trabalham para garantir que o processo de desenvolvimento seja o mais inclusivo e participativo possível. Os representantes dos CC envolvem membros da comunidade na identificação de prioridades para o desenvolvimento, as quais muitas vezes são relacionadas a questões de acesso a serviços, como educação, agricultura e saúde. Em seguida, estas informações são repassadas para os órgãos governamentais locais nos bairros e nos municípios para serem incorporadas a planos orçamentários anuais.

Os membros dos CC não só desenvolveram habilidades para articular as necessidades de desenvolvimento de suas comunidades, mas uma gama mais ampla de pessoas também está sendo consultada sobre suas prioridades e idéias para o desenvolvimento da comunidade. Isto representa um pequeno passo rumo à Meta de Desenvolvimento do Milênio nº 8, que enfoca uma parceria global para o desenvolvimento, entre outras coisas, por meio do alcance da boa governança a transparência.³⁸

O VOLUNTARIADO FAZ COM QUE O ATIVISMO SOCIAL PERMANEÇA RELEVANTE PARA COMUNIDADES LOCAIS

Formas diferentes de atividades voluntárias podem garantir que o ativismo social permaneça ligado à realidade, ao contexto e às dinâmicas sociais: “O ativismo social requer a identificação das reais necessidades das pessoas”, disse a coordenadora da *Network of NGOs of Trinidad and Tobago for the Advancement of Women*.³⁷ Ao incorporar o trabalho de voluntários na base, os ativistas sociais podem alinhar melhor suas ações com as necessidades da comunidade e assim podem ganhar mais legitimidade nas comunidades que procuram ajudar.

Por exemplo, o coordenador do programa internacional de HIV/Aids da *ActionAid International* salienta que se o ativista não está em contato com as realidades na ponta, existe o risco de que pesquisas sobre estratégias de tratamento da doença possam gerar recomendações amplas e genéricas demais para serem efetivas. As recomendações devem referir-se às necessidades e condições específicas de cada comunidade. Segundo o coordenador, para efetuar as mudanças mais necessárias “você precisa fazer a ligação entre a realidade encontrada pelo voluntariado e aquilo que os ativistas estão reivindicando”.³⁹

A *Pro-Hope International* na Gâmbia proporciona um exemplo claro de como uma ativista de gênero respondeu às necessidades das pessoas referentes à segurança alimentar, alcançando assim vários objetivos simultaneamente. A ativista de gênero e também fundadora da *Pro-Hope International*, está envolvida em um programa de combate à violência de gênero e de promoção de acesso a serviços de saúde reprodutiva. Ela reconheceu que uma das prioridades da aldeia remota de Keneba era a segurança alimentar. Ao envolver mulheres voluntárias locais na criação de uma horta comunitária, ela deu apoio para que atendessem necessidades básicas, mas, como parte do processo ela também proporcionou empoderamento para que as mulheres tomassem o controle de suas próprias vidas. Desta forma, ela contribuiu para o objetivo maior do combate à violência de gênero.

Nos comitês de cidadãos voluntários para o desenvolvimento no Bangladesh, apresentados abaixo os voluntários desenvolveram habilidades para serem os protagonistas com relação às necessidades de desenvolvimento de suas comunidades, e promoveram a participação e a inclusão social ao consultarem uma gama mais ampla de pessoas a respeito de suas prioridades para o desenvolvimento comunitário.

O ATIVISMO SOCIAL DEPENDE DE VOLUNTÁRIOS

É amplamente reconhecido que organizações de ativistas sociais tendem a sofrer de uma falta de recursos, sobretudo as organizações de base comunitária, e que muitas vezes dependem de voluntários para ajudar a implementar suas atividades. O ativismo social também depende do apoio de voluntários que integram comitês consultivos, comissões organizadoras e que são diretores de organizações da sociedade civil. Por exemplo, como membros de um comitê de juventude, um grupo de jovens homens e mulheres jordanianos assessora o pequeno grupo de funcionários do *Sisterhood is Global Institute* – Jordânia sobre questões relacionadas aos direitos das mulheres e a violência de gênero. De maneira parecida, nas campanhas da *Pro-Hope International*, voluntárias têm utilizado seus contatos pessoais e profissionais para conseguir reuniões com líderes políticos chave: “Ao combinar ativistas [voluntárias] com funcionários remunerados, conseguimos fazer muito mais do que conseguiríamos se dependêssemos apenas das ativistas sociais remuneradas”, disse a assessora técnica da organização.⁴⁰

O envolvimento de voluntários no nível local também é fundamental para o alcance dos objetivos de desenvolvimento e de mudança social. Para muitas pessoas, mudanças no nível local são as que mais importam nas suas vidas cotidianas. Embora uma lei tenha sido sancionada no Paquistão em 2004, punindo assassinatos perpetrados “em defesa da honra” com penas pesadas, inclusive a pena de morte, na realidade esses assassinatos permanecem impunes. Reconhecendo a necessidade de mudar comportamentos dentro de famílias e comunidades, voluntárias e ativistas remuneradas da *Just Peace International* e outras organizações dessa área, “desenvolveram uma forte rede de base comunitária a fim de restringir essa ameaça por meio de uma ação unificada”, informou uma *Rehbar* (Bandeirante) da organização.⁴¹ Neste processo, contribuíram para o cumprimento da Meta de Desenvolvimento do Milênio nº 3, que objetiva promover a igualdade de gênero e empoderar as mulheres.

O voluntariado também pode tornar a linguagem do ativismo social mais relevante e compreensível junto às pessoas de uma comunidade de base. Na Jamaica, por exemplo, voluntários desempenharam um papel importante ao ajudar as pessoas a entenderem o jargão macroeconômico do Fundo Monetário Internacional (FMI). Explicavam as questões usando termos de fácil compreensão e davam exemplos práticos da vida cotidiana das pessoas. Desta forma, os voluntários ajudaram a conscientizar uma ampla gama de pessoas sobre o provável impacto das políticas do FMI e sobre a necessidade de mudanças de políticas para a melhoria de condições socioeconômicas na Jamaica.⁴² Ao fazer isso, contribuíram para o alcance da Meta de Desenvolvimento do Milênio nº 8, que visa desenvolver uma parceria global para o desenvolvimento, em parte por meio de respostas às necessidades dos chamados Países Menos Desenvolvidos.

Estes exemplos mostram que o voluntariado e o ativismo têm papéis complementares a desempenhar na promoção da participação de pessoas vindas de um amplo leque de contextos no desenvolvimento e na mudança social. Um integrante do *Institute for Civic Education* (Instituto para a Educação Cidadã) no Vietnã descreve a complementaridade assim:

*“Para tornar o ativismo social mais bem sucedido, precisamos do apoio das pessoas. Algumas das ‘pessoas’ mais importantes aqui são os voluntários. Qualquer forma de ativismo social precisa de voluntários para apoiar suas idéias, difundir suas atividades e se envolver nessas atividades. Os voluntários têm tempo, dinheiro, talento, idéias e entusiasmo, mas precisam de uma visão, um lugar onde possam contribuir de maneira benéfica. Isto é, precisam dos ativistas sociais. Os ativistas sociais devem proporcionar aos voluntários uma visão clara e ampliar as oportunidades para sua participação”.*⁴³

RESTRIÇÕES E LIMITAÇÕES

Embora a complementaridade entre o voluntariado e o ativismo social promova a participação de diversas pessoas e de uma multiplicidade de maneiras, é importante levar em consideração que a participação e a inclusão social podem ficar restritas devido a uma série de fatores. Preconceitos religiosos e étnicos, insensibilidade para com obrigações religiosas, demandas familiares, sociais e culturais sobre mulheres, bem como visões estereotipadas de pessoas com deficiências e outros grupos podem de fato restringir a participação das pessoas em termos de doação, ação social e desenvolvimento.

Voluntários de grupos minoritários podem ter receio de sofrer racismo ou ataques racistas no decorrer de suas atividades, enquanto pessoas com deficiência podem temer serem percebidas como recipientes passivos de ajuda em vez de pessoas que proporcionam ajuda. Muitas mulheres que têm famílias e indivíduos que observam rituais religiosos podem não conseguir participar, a não ser que sejam levadas em consideração suas limitações de tempo, questões de transporte e até suas responsabilidades com o cuidado de seus filhos.

É importante reconhecer que a abertura de espaços para a participação por meio do voluntariado e do ativismo social cria oportunidades para todo tipo de envolvimento. Ao mesmo tempo em que isto garante oportunidades para as pessoas participarem de esforços para o alcance de metas locais, nacionais e globais de desenvolvimento, também significa que espaços também serão abertos para a participação em atividades que, pode-se argumentar, não promovem mudanças sociais positivas ou o bem comum. Este artigo enfoca propositalmente formas de participação que visam ao bem comum, englobando tanto o voluntariado quanto o ativismo social e que contribuem para o alcance de metas geralmente aceitas de desenvolvimento em consonância com os princípios universais da igualdade, incluindo a igualdade de gênero, a não-discriminação e a paz.

Participação e desenvolvimento

Se aceitamos que o voluntariado e o ativismo social são capazes de intensificar a participação das pessoas, como isso acontece de fato e qual é o impacto produzido por voluntários? Nesta seção, exploraremos seis formas diferentes de voluntariado, incluindo aspectos do ativismo social e como estas podem ajudar a atingir metas de desenvolvimento.

PROMOVENDO A INCLUSÃO SOCIAL

Ao contrário das percepções e dos estereótipos de algumas pessoas, o estudo de base mostra que as pessoas que se voluntariam não são apenas pessoas bem de vida que ajudam aqueles que têm menos. Na verdade, muitos voluntários também vivem na pobreza ou enfrentam outros desafios, mas estão agindo para melhorar as condições de suas próprias vidas e a vida das comunidades onde moram. Um estudo envolvendo cinco países na região sul da África revelou que as características do voluntariado nesta região são bem diferentes do voluntariado voltado para a assistência social em países

industrializados, onde aqueles que prestam serviços voluntários geralmente são mais ricos que os beneficiários. Na África, onde a pobreza é tão prevalente, o voluntariado é principalmente uma atividade realizada por pessoas pobres. É o ato de estender a mão amiga entre iguais.⁴⁴

O estudo de base sobre o voluntariado e ativismo social mostra que a atuação voluntária pode ajudar mulheres e outros grupos marginalizados a adquirirem a segurança e as habilidades necessárias para fazer *advocacy* em prol de seus interesses na esfera pública. Talvez um dos exemplos mais marcantes do voluntariado como porta de entrada para a inclusão no desenvolvimento seja um da América Latina. Lá, um projeto da UNV/UNIFEM, realizado em cinco países, enfoca o fortalecimento da influência das mulheres sobre processos participativos de tomada de decisão, ao mesmo tempo em que destaca as contribuições voluntárias já existentes das mulheres para processos participativos. Combina formas tradicionais de voluntariado com estratégias mais ativistas, capacitando mulheres que atuam em “sopões” para intercederem junto ao governo com o objetivo de conseguir mais recursos para melhorar o acesso à comida, aos serviços de saúde e às oportunidades econômicas.

Graças a este projeto, a participação de mulheres foi ampliada para incluir tanto formas tradicionais de voluntariado como abordagens mais ativistas, permitindo que utilizem os conhecimentos adquiridos por meio de seu trabalho em “sopões” e de maneira mais geral, os conhecimentos que adquirem como pessoas que cuidam de outras pessoas, para incidirem em prol das necessidades da comunidade. O projeto da UNV/UNIFEM dá um exemplo de como as mulheres estão contribuindo ativamente para a Meta de Desenvolvimento do Milênio nº 3, que enfoca a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres. Uma preocupação que surge, contudo, é que a participação mais ampla das mulheres representa um peso adicional para as próprias pessoas que já assumem uma carga pesada, devido ao cuidado com os outros que desenvolvem.

UNV/UNIFEM: Promovendo o papel das mulheres no desenvolvimento

Embora o movimento internacional de mulheres tenha ganho alguns avanços importantes para a igualdade de gênero, as mulheres ainda estão sub-representadas em processos de tomada de decisão. Reconhecendo este fato, assim como o papel importante das mulheres para o desenvolvimento, o programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV) e o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM) iniciaram em conjunto o projeto “Engendrando orçamentos: valorizando as contribuições voluntárias das mulheres para o desenvolvimento nacional na América Latina”.

Atualmente operacional em cinco países da América Latina, o projeto busca fortalecer a influência de mulheres sobre processos participativos de tomada de decisão, e também destacar as contribuições voluntárias já existentes de mulheres para processos participativos. Por meio de atividades de capacitação, como a educação em direitos humanos, o treinamento em controle social de políticas e a atuação em rede, mulheres comuns e mulheres lideranças comunitárias, que também são voluntárias, estão construindo novas habilidades e conhecimentos para poder incidir na esfera pública.

Empoderadas com uma nova segurança, habilidades e conhecimento, mulheres que antes não tinham uma voz na tomada local de decisões agora estão fazendo com que suas preocupações, prioridades e questões sejam ouvidas.⁴⁵

PROMOVENDO A TRANSFORMAÇÃO PESSOAL

Mudar comportamentos, normas e convicções sociais requer transformação no nível individual. Embora seja a mais difícil de conseguir, a transformação pessoal pode melhorar drasticamente a vida cotidiana de muita gente, reduzindo o risco de doença, fome e violência, entre outras questões. Tomadas coletivamente, estas mudanças também contribuem para tornar lares e comunidades mais seguros, incentivam as pessoas a manterem o meio ambiente limpo, tornam as interações mais pacíficas e respeitadas de modo geral.

A história de Nina, compartilhada no início deste artigo (página 4), é uma boa ilustração disso. Sua experiência como voluntária do *International Movement ATD Fourth World* trouxe uma transformação pessoal na sua percepção de pessoas que antes não faziam parte de seu mundo imediato – neste caso crianças em situação de pobreza vivendo em comunidades desamparadas em Manila. Antes, Nina percebia crianças de rua como sendo 'diferentes' das outras crianças e tinha medo de ter contato com elas, mas sua perspectiva e comportamento para com crianças de rua mudaram em seguida a sua experiência como voluntária. Ela não vê mais as crianças de rua como sendo diferentes ou como uma ameaça, mas as vê como as demais crianças, com sonhos e expectativas próprios. Seu envolvimento continuado com o *International Movement ATD Fourth World* lhe proporciona um leque de oportunidades por meio das quais ela pode pôr em prática suas novas convicções e perspectivas a respeito da inclusão social e da pobreza. O *International Movement ATD Fourth World* é uma rede de voluntários dedicada à superação da exclusão e da injustiça causadas pela pobreza persistente. Central aos esforços da rede é o compromisso de quebrar barreiras sociais, sobretudo entre pessoas vivendo em situações de pobreza e pessoas de outras situações sociais. “Ao incentivar isso, construímos um banco de conhecimento com as próprias pessoas, o que nos permite levar o debate a níveis mais altos”, disse um integrante do corpo de voluntários do *ATD Fourth World*.⁴⁶

Assim, além de promover a inclusão social, a abordagem utilizada pelo *ATD* permite que a organização tenha uma ampla base de apoio para projetos de lei, tais como a Lei contra a Exclusão, sancionada na França em 1998. Mais recentemente, na sua campanha “Acabar com a Pobreza Extrema, um Caminho para a Paz”, voluntários do *ATD* e ativistas de mundo inteiro assinaram um abaixo-assinado, colheram assinaturas, organizaram eventos comunitários e coletivas para a mídia, se reuniram com gestores governamentais para aumentar a sensibilização e incidir para promover o direito à igualdade e à dignidade das pessoas que vivem em situação de pobreza.

ACUMULANDO CONHECIMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO

Os voluntários podem ser importantes fontes de conhecimentos que fortalecem programas de desenvolvimento. Ao colherem informações realistas sobre condições locais e incorporá-las em programas que visam mudar condições socioeconômicas e de saúde, os voluntários contribuem para definir o formato de campanhas e programas de desenvolvimento.

Por exemplo, voluntários que atuam no *Sisterhood is Global Institute* – Jordânia, prestaram apoio de valor inestimável a esforços recentes para garantir a proteção legal de mulheres vítimas de violência. Em todo o país, voluntários acompanharam audiências relevantes em tribunais, falaram com sobreviventes de violência de gênero e se reuniram com mulheres presidiárias. Com base nas informações coletadas, os funcionários remunerados da organização se reuniram com lideranças políticas chave e influenciaram com sucesso a aprovação de uma nova lei contra a violência doméstica, que “proporciona maior proteção a mulheres e crianças vítimas de violência na família e amplia oportunidades para o aconselhamento e a mediação”.⁴⁷

O *Community Development Volunteers for Technical Assistance* (CDVTA), o projeto de promoção dos direitos dos idosos no Camarões (vide a história de Francis na página 4), é outro exemplo da maneira como o conhecimento que os voluntários têm acerca das condições locais permite que possam agir para incidir em prol do benefício da comunidade. Como os voluntários do CDVTA estão envolvidos em “todas as fases do ciclo e das ações do projeto, desde a identificação e o planejamento, até a execução e a avaliação, eles também atuam internamente na promoção das questões dos idosos e outras comunidades desamparadas, influenciando prioridades e projetos organizacionais”, explicou o diretor da organização.⁴⁸

Na África do Sul em 2008, as repostas a ondas de ataques xenofóbicos contra estrangeiros – muitos dos quais são refugiados do Zimbábue – demonstram como voluntários podem desempenhar um papel significativo na geração de informações necessárias para realizar ações construtivas e abrangentes. A fim de promover o *advocacy* – nos escalões mais altos do governo, a Comissão de Direitos Humanos se reuniu com organizações de base religiosa e entidades filantrópicas que colaboram com serviços de saúde e a distribuição de alimentos, a fim de entender a magnitude dos desafios da população com relação a questões de segurança e cidadania.

ADVOCACY, CAMPANHAS E CONSCIENTIZAÇÃO

Embora muitas vezes não sejam reconhecidos por suas atividades de *advocacy*, os voluntários podem ser instrumentais em esforços relacionados à definição de agendas e a formulação de políticas. Preocupados com a pobreza e a injustiça, indivíduos ao redor do mundo participam por meio de seu envolvimento em uma gama de atividades de *advocacy* que visam promover mudanças sociais positivas e algumas vezes até mudanças políticas.

Por exemplo, desempenhando um papel estratégico, voluntários organizam reuniões com atores políticos chave e se reúnem com oficiais governamentais para discutir necessidades locais de desenvolvimento, os direitos de populações marginalizadas e as mudanças necessárias de políticas.

Repetidas vezes, voluntários vêm apoiando ações numa escala que não teria sido possível sem seu envolvimento, e têm conseguido mudanças sociais amplas. Um exemplo é a Campanha pelo Banimento de Minas Terrestres, o movimento internacional de mulheres e o movimento de direitos civis nos Estados Unidos. Sem dúvida, voluntários de diversas áreas foram a fonte vital dessas ações. Mais recentemente, em 2007, voluntários no Reino Unido ajudaram a *Christian Aid* a realizar uma marcha de 1.000 milhas, a marcha mais longa da história do país, para sensibilizar a população sobre os efeitos da pegada de carbono do mundo ocidental sobre o aquecimento global.⁴⁹

A realização de campanhas é uma estratégia chave de *advocacy*. Como líderes e participantes, voluntários impulsionam campanhas nos níveis locais, nacionais e internacionais.⁵⁰ Por meio de ações organizadas tais como marchas e manifestações, *lobby*, e a disseminação de informações, os voluntários dão destaque para questões urgentes relativas à desigualdade de gênero e à desigualdade econômica e social e pressionam o governo, a iniciativa privada e a sociedade civil para agirem. Um exemplo recente, conforme mencionado no início deste artigo é a *Global Call to Action Against Poverty*, que depende de voluntários em sua campanha internacional para mobilizar o apoio conjunto de governos e a sociedade civil para cumprir as Metas de Desenvolvimento do Milênio até 2015.

Embora a realização de campanhas tenda a ser associada a grandes organizações internacionais, como a Anistia Internacional, a *Human Rights Watch* e a *ActionAid International*, as quais têm um perfil que se aproxima mais ao ativismo, organizações voluntárias tradicionais também estão participando de campanhas de natureza parecida. Aproveitando o fato de que têm membros no mundo inteiro, a Associação Mundial das Bandeirantes e Escoteiras facilita oportunidades para seus membros participarem de Dias de Ação Global, tais como o Dia Mundial de Luta Contra a Aids, o Dia Internacional pela Erradicação da Pobreza, e o Dia da Mulher.⁵² Organizações voluntárias internacionais, como a *Skillshare International*, também estão fazendo contribuições importantes para campanhas que visam à justiça e à igualdade.

Promovendo a Responsabilidade Pessoal no Combate às Mudanças Climáticas

Voluntários chineses de ONGs, universidades e grupos comunitários, incluindo voluntários do programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV), aproveitaram a realização do concerto *Live Earth* em Xangai em 2007 para aumentar a sensibilização a respeito de mudanças climáticas. O objetivo era demonstrar como os indivíduos podem mudar suas vidas cotidianas para ajudar a combater o aquecimento global.

Durante as preparações para o show, voluntários do UNV trabalharam com o *Live Earth* e umas das principais ONG ambientais para adaptar ao contexto chinês mais de oitenta soluções para mudanças climáticas. Em seguida, voluntários dessas organizações incentivaram as pessoas a se comprometerem a integrar essas soluções em suas vidas para ajudar a reduzir as pegadas de carbono – por exemplo, passando a utilizar lâmpadas que economizam energia ou mantendo aparelhos de ar-condicionado com a temperatura acima de 26 graus. No total, mais de 50.000 cidadãos foram atingidos diretamente pelas mensagens do *Live Earth Xangai* antes da realização do show.

Durante o concerto, voluntários do *Live Earth* ajudaram a tornar o evento “verde”, educando a platéia sobre como se desfazer de seu lixo de maneira ambientalmente correta. Graças a seus esforços, 75% do lixo do concerto foi reciclado, decomposto ou reutilizado. Ao transmitir uma mensagem de esperança e mudança em relação ao meio ambiente, os voluntários fizeram sua parte em ajudar as pessoas a transformarem suas vidas pessoais e promoverem a sustentabilidade ambiental, que é o foco da Meta de Desenvolvimento do Milênio nº 7.⁵¹

Embora as campanhas muitas vezes estejam voltadas para mudanças de políticas e a promoção de legislação específica, elas também podem ser utilizadas para influenciar mudanças sociais positivas por meio da educação. Com a ajuda de voluntários, campanhas educativas e de conscientização alcançam uma abrangência que não seria possível, não fossem as contribuições voluntárias de tempo, habilidades e energia.

Ao mesmo tempo, vários dos participantes no estudo de base apontaram que em alguns países, as atividades de *advocacy* podem ser ilegais ou ativamente desincentivadas. Isso faz com que seja difícil para voluntários e ativistas sociais realizarem iniciativas de *advocacy*, campanhas e atividades de sensibilização, podendo levá-los a se envolverem em outras atividades, menos visíveis, voltadas para a mudança social.

CONTRIBUINDO PARA O EMPODERAMENTO

Uma estratégia importante para o desenvolvimento humano e as mudanças sociais envolve o empoderamento de pessoas para que estas consigam ter mais controle sobre suas vidas. Ações voluntárias não só contribuem para empoderar os beneficiários, como também são um meio através do qual os próprios voluntários passam a ser empoderados devido às experiências e *insights* que adquirem.⁵³

A idéia de empoderamento muitas vezes se refere a grupos marginalizados, como a juventude, povos indígenas, pessoas vivendo com HIV/Aids e pessoas com necessidades especiais, e com frequência é associada a mulheres.⁵⁴ Um número considerável de estudos tem mostrado que o empoderamento de mulheres traz benefícios para o desenvolvimento social e econômico de comunidades, além de seu próprio valor intrínseco. As mulheres não são críticas apenas para a produtividade econômica, como também têm uma percepção aguda das necessidades de suas comunidades e, portanto, têm um papel importante a desempenhar no processo de desenvolvimento.

Central ao empoderamento é o desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades adquiridos por meio da participação. O estudo de base demonstra que há exemplos abundantes de como o desenvolvimento de habilidades tem permitido que as pessoas melhorem suas próprias vidas e as vidas de outras pessoas e também demonstra como os voluntários desempenham um papel crítico no compartilhamento de habilidades e na implementação de programas de desenvolvimento voltados para o empoderamento.

Por exemplo, conforme descrito acima, os voluntários togolezes da *Jeunes Volontaires pour l'Environnement -JVE* (Voluntários Jovens pelo Meio Ambiente) aumentaram o *status* de mulheres em comunidades rurais ao capacitá-las no uso de energia solar para purificar água e cozinhar. Isto tem empoderado as mulheres de modo a terem mais controle sobre suas vidas sociais e econômicas cotidianas. Na Uganda, a alfabetização e educação são a estratégia adotada pela *Uganda Rural Literacy and Community Development Association* (URLCODA) para ajudar que as pessoas na Uganda em situações de pobreza adquiram mais controle sobre suas vidas por meio de novos conhecimentos e recursos. Isto também contribui para as Metas de Desenvolvimento do Milênio nº 2 e 3, que visam aumentar o grau de alfabetização entre homens e mulheres.

AIS: Acción Internacional para la Salud

Uma grande rede de voluntários ligados a *Acción Internacional para la Salud* – AIS na Bolívia realiza atividades de *advocacy* que visam incidir sobre processos de tomada de decisão, prioridades e sobre os conhecimentos de gestores governamentais, assim como políticas relativas ao direito à saúde, educação, comida, nutrição e saneamento básico.

Concomitantemente a essas atividades políticas, voluntários da AIS também atuam para aumentar a consciência pública a respeito dessas mesmas questões, sobretudo em comunidades vulneráveis.

Devido em grande parte ao compromisso de seus voluntários para com o direito à saúde e sua estratégia de envolver pessoas pobres como voluntárias, a AIS tem exercido influência sobre algumas políticas locais e nacionais. Os sucessos alcançados incluem a adoção de uma lei sobre a nutrição infantil, bem como uma lei que permite que as organizações da sociedade civil tenham acesso a informações sobre políticas públicas, de modo que possam monitorá-las e avaliar decisões relativas ao combate à pobreza.

A organização está contribuindo ativamente para o alcance das Metas de Desenvolvimento do Milênio nº 1 (a erradicação da pobreza e da fome), nº 4 (a redução da mortalidade infantil) e nº 6 (o combate ao HIV/Aids, malária e outras doenças). Também influenciou a prestação de contas pelo governo no que diz respeito ao progresso alcançado no cumprimento das MDM, entre outras questões importantes como os Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio (*Trade-Related Aspects of Intellectual Property Rights* - TRIPS).⁵⁵

AMPLIANDO A PARTICIPAÇÃO CÍVICA

A participação cívica de uma pessoa em sua própria comunidade e em processos democráticos é mais uma expressão de ação voluntária.⁵⁶ Ao participarem em reuniões comunitárias, interagirem com gestores governamentais, votarem em eleições e liderarem mutirões comunitários de limpeza, por exemplo, cidadãos engajados ajudam a construir comunidades coesas e a fortalecer a governança democrática.

A participação cívica também é amplamente reconhecida como sendo decisiva para o sucesso de programas de redução de pobreza. Com efeito, pesquisas mostram que a participação cidadã em processos de desenvolvimento resulta em projetos mais eficazes e sustentáveis, ao gerar um sentimento de 'pertencimento' ('ownership') entre os participantes e ao incorporar conhecimentos e prioridades locais na identificação, no desenho e na implementação de projetos.

O *Buddyz Club*, de Mkhazane na África do Sul, é um exemplo disso. O Clube promove o envolvimento de crianças, permitindo

que adquiram um entendimento dos processos políticos e de tomada de decisão existentes e proporcionando-lhes habilidades para incidir sobre tais processos.

A aldeia de Kyrdany, na região de Ovruch, na Ucrânia, é outro exemplo de uma comunidade que adotou uma abordagem participativa para superar os desafios para o desenvolvimento, em seguida ao desastre de Chernobyl. As palavras de um líder jovem de Kyrdany, “Foi triste demais ver nossa aldeia morrendo: foi por isso que a aldeia inteira uniu esforços e estabeleceu Organizações Comunitárias”.⁵⁷ Por meio dessas associações na aldeia e nos arredores, membros da comunidade identificaram suas necessidades de desenvolvimento, tais como o acesso a água potável, a restauração da escola e a reconstrução da unidade de saúde. Norteados por um plano de desenvolvimento elaborado pelos grupos comunitários, voluntários mobilizaram os recursos necessários e formaram parcerias com vários níveis de governo para garantir a sustentabilidade dos projetos. Os cidadãos da região de Ovruch não somente transformaram suas prioridades em realidade, como também – no processo – fortaleceram a coesão comunitária e desenvolveram um sentimento de responsabilidade pela recuperação e desenvolvimento de sua aldeia.

Esses exemplos mostram que ao se tornarem voluntárias, as pessoas começam uma caminhada que pode levar a vários lugares, na qual alguns indivíduos assumem um papel mais direto de ativistas. A participação em atividades como as mencionadas acima contribui para a transformação social e proporciona a oportunidade para que as pessoas se envolvam em programas de desenvolvimento. Enquanto os ativistas sociais podem ter um papel chave na criação de oportunidades para as pessoas se envolverem, ampliando assim a mobilização, também fica evidente o valor indispensável do trabalho realizado por voluntários na comunidade ao prestarem serviços, responderem a momentos de crise humanitária e gerarem as informações das quais o ativismo social depende.

Buddyz Club: a juventude se comprometendo com a mudança

O *Buddyz Club*, de Mkhazane na África do Sul, exemplifica o poder que a juventude pode exercer para promover mudanças na vida dos jovens e na vida de suas comunidades.

Durante muitos meses, estudantes de uma escola em Mkhazane, na província de KwaZulu-Natal, tiveram que lidar com um enorme *udhonga* (uma vala grande) na estrada que leva à escola, o qual dificultava a viagem e em dias de chuva, tornava o percurso intransitável. Integrantes do Clube que eram alunos da escola de ensino fundamental de Mkhazane identificaram o *udhonga* como sendo o principal problema que os afetava e prejudicava a comunidade. Juntos elaboraram um plano de ação, que incluiu a obtenção do apoio do diretor da escola, do conselho escolar, da Secretaria de Agricultura, bem como do líder e cacique local.

Como resultado desses esforços, o governo trabalhou em conjunto com membros da comunidade para resolver o problema. Inicialmente, as crianças em conjunto com seus pais reuniram pedras para tampar o buraco e a Secretaria de Agricultura forneceu caminhões e máquinas para cobri-lo com as pedras. Em seguida, a Secretaria de Obras Públicas aumentou seu envolvimento e se comprometeu a construir uma ponte sobre a vala. Hoje, os integrantes do Clube monitoram o progresso desse projeto e estão de prontidão para utilizar suas novas habilidades de liderança, comunicação e trabalho em equipe quando surja a próxima oportunidade de ajudar a melhorar suas comunidades.⁵⁸

Ampliando e sustentando a participação

Quais fatores levam as pessoas a deixarem de fazer apenas doações pequenas e intermitentes, e passarem a ter uma participação ativa de mais longo prazo? O estudo de base sugere que há quatro fatores críticos que aumentam e sustentam a participação: oportunidades de envolvimento, boa gestão de voluntários, valorização do trabalho voluntário e um ambiente favorável criado por meio das ações mútuas do governo, da sociedade civil e do setor privado.

OPORTUNIDADES DE ENVOLVIMENTO

Segundo as opiniões colhidas no decorrer do estudo de base, o estabelecimento de uma infra-estrutura efetiva de voluntariado é crucial para o aumento do envolvimento das pessoas em questões sociais e de desenvolvimento. Por exemplo, um centro nacional de ação voluntária e comunitária, como o *Volunteer Development Scotland*, proporciona oportunidades para que as pessoas participem de atividades diversificadas como: a leitura para pessoas cegas, assistência jurídica, *advocacy* e campanhas em prol dos direitos humanos e outras causas. Este modelo objetiva ampliar o leque de oportunidades abertas às pessoas e, portanto, é capaz de fortalecer seu envolvimento em questões locais, nacionais e globais.

Organizações que atuam com voluntários, tais como a Federação Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho (FICV), Anistia Internacional e *Volunteer Development Scotland* (VDS), salientam que as pessoas precisam poder participar de diversas maneiras, conforme seus interesses, capacidades e disponibilidade de tempo em diferentes fases da vida. Seus interesses mudam com o passar dos anos; seus compromissos e sua disponibilidade para participar variam, e os centros de voluntários precisam ter respostas para isso. A fim de garantir a maior inclusão possível e a fim de evitar a marginalização de pessoas de culturas ou religiões diferentes ou de mulheres que são as pessoas que mais cuidam das outras, as oportunidades de participação precisam ser abrangentes e flexíveis.

Tomemos, por exemplo, o caso de Nina, relatado no início deste artigo. O *International Movement ATD Fourth World* proporcionou um amplo leque de oportunidades por meio das quais ela pôde contribuir para o combate da exclusão social e da pobreza. Outro exemplo se encontra na Federação Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, a qual, segundo entrevista concedida por um dos seus integrantes, está buscando ativamente envolver voluntários de diversas culturas e religiões, a fim de garantir que suas ações tenham uma abordagem mais inclusiva. A Anistia Internacional, também, numa tentativa de responder a uma demanda por uma gama mais ampla de oportunidades para voluntários, introduziu atividades de intensidade moderada, além de suas atividades já existentes, que tipicamente eram de curta duração e pontuais ou de longo prazo e intensivas. Segundo uma pessoa que participou do estudo e que atua nos Projetos Especiais da Anistia Internacional, a experiência com oportunidades de intensidade moderada “teve boa aceitação e procura”.⁵⁹

Aumentar as oportunidades de envolvimento faz com que a promoção da sensibilização sobre o próprio voluntariado seja uma prioridade chave. Por exemplo, em 2006, o *Volunteer Development Scotland* lançou uma campanha com o lema “Você pode fazer muito mais do que imagina, acredite”, cujo propósito era incentivar a ampliação da diversidade e da participação em atividades voluntárias. A campanha tinha como principais objetivos desvendar mitos sobre as barreiras ao voluntariado, educar o público sobre a variedade de atividades voluntárias que se podem realizar e como incentivar a comunidade a se envolver.⁶⁰ Organizações voluntárias em todo o mundo estão fazendo esforços parecidos, com o objetivo de aumentar o número e ampliar a diversidade de indivíduos engajados como cidadãos ativos.

A BOA GESTÃO DE VOLUNTÁRIOS

A boa gestão de voluntários é um pré-requisito para valorizar ainda mais a experiência de ser voluntário – tanto para os voluntários quanto para fortalecer o impacto do voluntariado sobre o desenvolvimento e a mudança social. O estudo de base sugere que isso é importante para garantir que as pessoas se envolvam, se sintam valorizadas por sua contribuição e estejam integradas nas organizações – estes são todos fatores que fazem com que os voluntários mantenham sua participação a longo prazo.

A boa gestão de voluntários também pode ajudá-los a se envolverem de maneira mais significativa nas circunstâncias em que escolherem atuar, sobretudo se a gestão proporciona atividades para a reflexão. *“De que outra forma voluntários tradicionais podem se definir em termos políticos e reconhecer que muitos dos problemas que tentam contornar têm suas raízes em políticas governamentais? Muitos dos programas de voluntários intensivos e de longa duração enfocam apenas a dimensão voluntária e não fazem a ligação entre ser voluntário e se organizar em torno de questões políticas e políticas públicas”*, afirmou o diretor de pesquisas do Centro para o Desenvolvimento Social, na *Washington University* em St. Louis.⁶¹

Isto enfatiza como é imperativo que as organizações que trabalham com voluntárias criem oportunidades estruturadas para a reflexão e a aprendizagem relacionadas à justiça, ao desenvolvimento participativo e à cidadania democrática. Por meio de oportunidades como essas, voluntários desenvolvem uma consciência maior a respeito do impacto de políticas nacionais e dinâmicas globais sobre condições locais e passam a poder fazer uma ligação entre suas ações individuais, questões e causas maiores. Tornar as pessoas mais cientes da importância de sua contribuição para o desenvolvimento e para o tecido social de modo geral, ajuda a sustentar seu compromisso de participar durante os vários ciclos de suas vidas.

VALORIZAÇÃO DO TRABALHO VOLUNTÁRIO

Dadas as contribuições que voluntários e ativistas sociais fazem em relação ao desenvolvimento e dada a necessidade imperativa de incentivar a participação cada vez maior de cidadãos na luta contra a pobreza e a desigualdade, estas ações positivas para o aprimoramento da sociedade devem ser amplamente valorizadas e reconhecidas. *“O voluntariado precisa ser reconhecido, porque se trata de um valor”*, disse o diretor executivo da *People's Watch* na Índia.⁶²

Referindo-se à necessidade de valorizar todos os tipos de contribuição, desde as formas tradicionais de atuação voluntária até as formas que se aproximam mais ao ativismo social, o diretor da *Volunteer Development Agency* na Irlanda do Norte disse: *“É uma questão de respeito e valorização de todas as formas como as pessoas se dispõem a doar seu tempo”*.⁶³

O reconhecimento do valor intrínseco da participação das pessoas significa que noções mais amplas relativas ao voluntariado e ao ativismo social têm de ser difundidas. É importante reconhecer os aspectos em comum e a complementaridade de ambas as formas de participação, e também é importante tornar mais inclusivos os rótulos 'voluntário' e 'ativista social'.

A edição de 2007 do “Prêmio Voluntário do Ano” do Conselho Galês para Ação Voluntária demonstra que a adoção de uma noção ampla de voluntariado se traduz no reconhecimento das diversas maneiras em que as pessoas doam seu tempo. No ano passado, entre os premiados havia um promotor dos direitos humanos das pessoas com deficiência e um casal idoso que dedicou a vida inteira à captação de fundos para um serviço de saúde para doentes em fase terminal. Outro exemplo é o da *Association of Voluntary Service Organisations (AVSO)* que iniciou uma campanha de um ano de duração no dia 5 de dezembro de 2007, o Dia Internacional do Voluntário, para fazer uma mostra de contribuições voluntárias em toda a Europa. Com o nome 'Heróis Invisíveis', a campanha mostra como as diversas ações de voluntários podem ser reconhecidas.

Ao valorizar iniciativas voluntárias, é importante também homenagear contribuições informais, visto que estes tipos de participação muitas vezes passam despercebidos. Falando sobre essa questão, o diretor da Fundação Friedrich Ebert – Jamaica e Caribe Oriental disse: *“Ao mesmo tempo em que estas são as pessoas que garantem que as comunidades permanecem coesas, também são as pessoas que não são reconhecidas”*.⁶⁴ De maneira parecida, como encarregada da FICV pelo desenvolvimento do voluntariado na Ásia-Pacífica, uma das entrevistadas percebeu que *“havia muitas [formas tradicionais de] atuação voluntária sendo realizadas, mas que não estavam sendo reconhecidas”*.⁶⁵ Como resultado, ela recebeu formalmente a tarefa de valorizar o voluntariado na região da Ásia-Pacífica, incluindo o reconhecimento de práticas tradicionais de atuação voluntária.

Outra conclusão do estudo de base revela que, além de dias como o Dia Internacional do Voluntariado, comemorado todo ano no dia 5 de dezembro, premiações, cerimônias de reconhecimento, campanhas publicitárias e pontos focais para voluntários dentro das organizações, são todas estratégias importantes para o reconhecimento das diversas contribuições de voluntários em todo o mundo. Grande parte da inspiração e do dinamismo por trás desses eventos surgiu durante o primeiro Ano Internacional do Voluntário (2001), que teve êxito em promover a visibilidade do voluntariado. Atores de todos os setores – sociedade civil, governo e iniciativa privada – devem continuar a construir a partir desses esforços, como parte dos preparativos para Ano Internacional do Voluntário +10 (2011).

CRIANDO UM AMBIENTE FAVORÁVEL PARA O VOLUNTARIADO E O ATIVISMO SOCIAL

Os três fatores citados acima (oportunidades de envolvimento, boa gestão de voluntários e valorização do voluntariado) contribuem significativamente para o aumento da participação em ações sociais. Contudo, muitas vezes, a presença desses fatores depende da existência e da dimensão de um ambiente favorável ao voluntariado.

A participação contribui para promover a confiança e a transparência entre os cidadãos e o estado, ao mesmo tempo em que cria as condições para a inclusão social e o alcance de metas nacionais de desenvolvimento. Os governos precisam garantir a existência de políticas que possam nortear o rumo, o planejamento e a alocação de recursos para programas de promoção do voluntariado e da participação em geral e que apoiem o voluntariado voltado para o desenvolvimento em particular. O voluntariado deve ser incorporado em prioridades e estratégias nacionais de desenvolvimento e deve ser protegido por legislação. Em consonância com a Resolução da ONU n° 60/134, os governos devem prever a alocação de recursos para estratégias e estruturas de atuação voluntária dentro de ciclos e processos orçamentários nacionais, assim como também devem apoiar o estabelecimento de infra-estrutura para o voluntariado (ex.: centros de voluntários e funcionários) e devem monitorar e avaliar o impacto de programas de voluntários sobre o desenvolvimento.

Tanto o voluntariado quanto o ativismo social têm um valor intrínseco para a sociedade civil, além de um valor instrumental por ajudar a avançar com objetivos locais, nacionais e globais de desenvolvimento. Organizações da sociedade civil precisam lançar programas de *advocacy* e sensibilização para criar um ambiente favorável em que as contribuições comuns e complementares do voluntariado e do ativismo social sejam reconhecidas, valorizadas e efetivadas. A sociedade civil também deve promover o aumento do compromisso entre os vários tipos de organizações que trabalham com voluntários (ex.: organizações humanitárias, centros de voluntários, organizações de direitos humanos, organizações de base religiosa e organizações que encaminham voluntários para tarefas específicas) no sentido de compartilhar informações e práticas e identificar áreas em potencial para o compromisso em torno de metas em comum. A capacidade dos empregados deve ser aumentada para garantir a execução efetiva de programas de voluntários e organizações de base comunitária devem ser capacitadas para dar apoio a voluntários. A falta de informação atrapalha a participação e por este motivo, as organizações da sociedade civil devem proporcionar educação básica (ex.: educação cívica, educação sobre os direitos da pessoa, etc.) para poder envolver mais pessoas, inclusive jovens, em processos de tomada de decisão.

O setor privado vem reconhecendo cada vez mais que seu sucesso está atrelado à sustentabilidade social e ambiental e depende da conquista da confiança do público. Empresas de grande e de pequeno porte podem incorporar o apoio a programas de voluntariado realizados por seus funcionários como uma plataforma de sua estratégia de responsabilidade social corporativa, inclusive ações voluntárias que visam à promoção do desenvolvimento e da mudança social. Idealmente, estes programas devem ser flexíveis e devem promover uma gama diversificada de oportunidades de participação para ajudar os funcionários a desenvolverem um entendimento mais amplo e aprofundarem seu envolvimento na sociedade. Também devem considerar que um programa corporativo de voluntários representa um valor agregado na hora de recrutar novos funcionários. As empresas precisam fazer parcerias com o governo e organizações da sociedade civil visando ao estabelecimento de centros de voluntários e outras iniciativas colaborativas por meio das quais os voluntários podem acessar oportunidades de atuação em organizações e comunidades locais.

Em reconhecimento do quanto a participação cidadã é central ao desenvolvimento sustentável, à paz e à boa governança, muitas agências das Nações Unidas e outras agências internacionais já estão envolvidas em programas que incentivam esta forma de participação. Haja vista sua ampla experiência e fontes de recursos, estas agências precisam apoiar organizações parceiras públicas, privadas e da sociedade civil na concretização de ambientes vibrantes e favoráveis ao voluntariado. Também precisam colaborar entre si a fim de aumentar o número de oportunidades para que voluntários de diversos contextos se envolvam com o desenvolvimento. As Nações Unidas e outras agências também têm um papel a desempenhar na promoção da valorização e do reconhecimento das diversas formas do voluntariado, incluindo aquela atuação voluntária que compartilha aspectos em comum com o ativismo social.

O caminho a seguir

Segundo o Relatório do ano 2007 sobre as Metas de Desenvolvimento do Milênio, hoje há menos pessoas vivendo na pobreza, a mortalidade infantil diminuiu, mais crianças estão matriculadas em escolas de ensino básico e a participação política das mulheres aumentou.⁶⁶ A participação das pessoas como um fator central ao desenvolvimento sustentável foi amplamente reconhecida e algumas oportunidades de desenvolvimento participativo foram abertas pela sociedade civil, governos e instituições internacionais. Apesar destes avanços, a participação de pessoas comuns no desenvolvimento precisa ser ampliada e a qualidade de seu envolvimento precisa melhorar muito para que possamos cumprir as Metas de Desenvolvimento do Milênio até 2015. Somente desta forma é que será possível avançar rumo a um mundo mais justo, equitativo, solidário, e socialmente coeso.

Uma conclusão crítica deste artigo é que o voluntariado e o ativismo social têm o potencial de contribuir para promover o grau e a diversidade de participação necessários para enfrentar as principais tensões e desafios para o desenvolvimento na atualidade. Estas formas diversas de participação já estão fazendo contribuições tangíveis para a redução da pobreza, o desenvolvimento sustentável e a inclusão social. Contudo, para que seja efetivado seu potencial pleno de fazer avançar o desenvolvimento humano, a igualdade, a justiça social e a paz, os papéis comuns e complementares do voluntariado e do ativismo social precisam ser amplamente reconhecidos e apoiados vigorosamente em todas as esferas – na sociedade civil, assim como nos setores privado e público.

Conforme demonstrado no decorrer deste artigo, o voluntariado e o ativismo social são uma expressão de nossa humanidade comum e nossa participação compartilhada neste mundo. Ambas as formas de participação são meios poderosos para que indivíduos de todas as posições sociais e profissionais se engajem durante a vida toda em suas comunidades e na sociedade em geral. Desta forma, o voluntariado e o ativismo social são uma força positiva de empoderamento para o desenvolvimento e a mudança. O voluntariado pode ajudar as pessoas a darem o primeiro passo para o envolvimento duradouro no desenvolvimento, enquanto o ativismo social pode transformar indivíduos em lideranças, definir áreas de envolvimento e mobilizar pessoas. O voluntariado contribui para que o ativismo social continue sendo relevante para comunidades locais e o ativismo social depende de voluntários.

Juntos, o voluntariado e o ativismo social podem contribuir para diminuir a alienação e a impotência entre indivíduos de diversas culturas e contextos socioeconômicos. Neste processo, fortalecem a coesão social dentro de comunidades locais, nacionais e mundiais. Por meio de inúmeras atividades, o voluntariado e o ativismo social também podem aprimorar os esforços governamentais em resposta a situações de crise humanitária e privações socioeconômicas, respondendo às necessidades básicas dos indivíduos e combatendo as causas subjacentes da pobreza e da desigualdade.

Para alavancar o potencial conjunto do voluntariado e do ativismo social em relação ao desenvolvimento, em primeiro lugar é necessário ter um entendimento abrangente de ambos, reconhecendo as diversas manifestações de ambas as formas de participação e a relação dinâmica entre as duas. Isto requererá a mudança de perspectivas e comportamentos arraigados em visões estreitas e estereotipadas em relação ao voluntariado e ao ativismo social. Também requer um compromisso com a identificação de metas de desenvolvimento em comum e de oportunidades para parcerias mutuamente benéficas que transcendam as diferenças políticas⁶⁷ e que capturem e unam as sinergias de ação encontradas tanto no voluntariado quanto no ativismo social.

Para direcionar esses esforços, é preciso aprender mais para entender e documentar as maneiras como o voluntariado e o ativismo social estão contribuindo para o desenvolvimento participativo e a mudança social. É necessário realizar pesquisas em organizações, setores, países e regiões, para esclarecer as contribuições práticas do voluntariado e do ativismo social para o desenvolvimento. Estudos de caso aprofundados poderiam ajudar a explorar modelos inovadores de desenvolvimento participativo e de inclusão. Isto deveria incluir uma análise de organizações e movimentos de base religiosa, bem como exemplos de colaboração entre governos e a sociedade civil.

Para que perspectivas e ações mudem, esses esforços devem ser complementados por diálogos significativos entre organizações voluntárias e organizações ativistas, dentro da sociedade civil e entre a sociedade civil e o governo. Mais ainda, o diálogo deve contribuir para a promoção do desenvolvimento de políticas, práticas e mecanismos nos setores público e privado e sobretudo na sociedade civil, que apoiem e ampliem o leque de participação voltada para o desenvolvimento.

Com este artigo, CIVICUS: a Aliança Mundial para a Participação Cidadã, a Associação Internacional de Esforços Voluntários (IAVE) e o programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV) lançam um desafio para suas organizações, para a sociedade civil e para os demais setores e fazem o seguinte apelo:

Abracem o reconhecimento de que, juntos, o voluntariado e o ativismo social têm um papel fundamental a desempenhar na ampliação e sustentação da participação das pessoas no desenvolvimento e na mudança social. Integrem esse entendimento nos valores e nas políticas e práticas organizacionais e setoriais. Com um entendimento compartilhado das características comuns e interdependentes do voluntariado e do ativismo social, podemos desencadear o vasto potencial que o voluntariado tem para o avanço do desenvolvimento humano no nível local, nacional e mundial.

As comunidades de voluntários e ativistas são ao mesmo tempo a mesma comunidade e também comunidades que precisam uma da outra.

– Presidente honorário da CIVICUS: Aliança Mundial para a Participação Cidadã

Ambos precisam um do outro e precisam cooperar e complementar seus esforços. Acredito que o trabalho voluntário sem o ativismo social não é capaz de mudar uma situação, e o ativismo social, quando é elitista e não é de base comunitária, não receberá o apoio que precisa da comunidade. Qualquer questão/ação precisa se basear em ambos; ambos precisam ter duas asas.

– Fundadora e coordenadora geral o *Sisterhood is Global Institute* - Jordânia

REFERÊNCIAS

- 1576, Bakers & Mediacom, 2006. *Volunteering campaign: strategy and execution summary 2006: recommendations for 2007. 'You won't believe what you can do' campaign.* [Campaign Strategy] One Scotland Scottish Executive and Volunteer Centre Network Scotland.
- Allen, K., 2001. *Citizen Action and Volunteering: Building a Movement for Social and Economic Change. CIVICUS 4th World Assembly.* Vancouver, Canada 2001, Não publicado.
- Anheier, H., Salamon, L., 2001. *Volunteering in cross-national perspective: initial comparisons Civil Society Working Paper 10* [Online] Disponível em: http://www.lse.ac.uk/collections/CCS/pdf/CSWP_10_web.pdf [Acesso em 15 out. 2007].
- Ball, M., Boldosser, A., Cronin, K., Mantilla, L., Ojascastro, D. & Rogosin, C., 2006. *Integrating Gender: Lessons Learned from the Millennium Challenge Account in Honduras.* [Research report] New York: Columbia University School of Public and International Affairs. Não publicado.
- Bell, M., 1999. *Volunteering: Underpinning Social Action in Civil Society for the New Millennium.* In CIVICUS, ed. *Civil Society at the Millennium.* Connecticut: Kumarian Press. Ch. 3.
- Bickford, D. Reynolds, N., 2002. *Activism and service-learning: reframing volunteerism as acts of dissent. Pedagogy: Critical Approaches to Teaching Literature, Composition, and Culture, 2 (2), p. 229-252.*
- Blackstone, A., 2004. "Its just about being fair:" activism and the politics of volunteering in the breast cancer movement. *Gender and Society, [Online].18 (3), p. 350-368.* Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4149406> [Acesso em 20 abr. 2008].
- Burns, L., 2007. *Paper for meeting of volunteers in Augsburg.* In IAVE (International Association for Volunteer Effort), Augsburg, Germany April 2007. Não publicado.
- Campbell, D., 2000. *Social capital and service learning. Political Science and Politics, [Online]. 33 (3), p. 641-645.* Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/420872> [Acesso em 19 abr. 2008].
- Caputo, R., 1997. *Women as volunteers and activists. Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly, 26 (2), p. 156-174.*
- Chimiak, G. 2006. *How Individualists Make Solidarity Work.* Warsaw: Ministerstwo Pracy i Polityki Spolecznej.
- Chimiak, G. 2007. *Typology of Volunteer Social Activists. CIVICUS 8th World Assembly.* Glasgow, Scotland 14-18 May 2007.
- Cordingley, S., 2000. *The definition and principles of volunteering: a framework for public policy.* In J. Warburton & M. Oppenheimer eds. *Volunteers and Volunteering.* The Federation Press. p. 73-82.
- Corporation for National and Community Service, 2008. *Rigorous longitudinal study of Americorps finds significant impacts eight years later.* [Online] Corporation for National and Community Service. Disponível em: http://www.nationalservice.org/about/newsroom/releases_detail.asp?tbl_pr_id=1036 [Acesso em 27 mai. 2008]
- European Volunteer Centre, 2006. *Manifesto for volunteering in Europe.* [Online] European Volunteer Centre. Disponível em: http://www.cev.be/64-cev_manifesto-EN.html?highlight=manifesto [Acesso em 08 fev. 2008].
- Garcia, D., Ramirez-Valles, J. 2002. *Volunteerism or activism: community involvement in HIV/AIDS among Latino gay and bisexual men. International Conference on AIDS. 7-12 July 2002.* University of Illinois at Chicago, School of Public Health.
- Herd, P., Meyer, H., 2002. *Care work: invisible civic engagement. Gender and Society, 16 (5), p. 665-688.*
- International Association for Volunteer Effort. 2001. *The Universal Declaration on Volunteering.* [Online] Disponível em: <http://www.iave.org/ResourceView.asp?resourceID=166> [Acesso em 19 jul. 2007].
- Inter-agency Network on Woman and Gender Equality. 1999. *Women's Empowerment in the Context of Human Security: Executive Summary of the proceedings.* [Online] Disponível em: <http://www.un.org/womenwatch/ianwge/collaboration/summary1999.htm> [Acesso em 25 mai. 2008].
- International Conference Volunteers (ICVolunteers). 2003. *Volunteering and ICTs: Establishing the framework for action. Report of phase 1 of the World Summit on the Information Society (WSIS).* In: Viola Krebs ed., *World Summit on the Information Society (WSIS).* Geneva, Switzerland 10-12 December 2003. International Conference Volunteers (ICVolunteers): Switzerland.
- Keck, M., Sikkink, K., 1998. *Activists Beyond Borders: Advocacy Networks in International Politics.* New York: Cornell University Press.
- Kennedy, C., 2007. *Making a difference at home. Times Online [internet] 29 August.* Disponível em: http://www.time.com/time/specials/2007/article/0,28804,1657256_1657317_1657423,00.html [Acesso em 27 mai. 2008].
- Machin, J., 2005. *Volunteering and the media: a review of the literature.* [Online] Institute for Volunteering Research for the Voluntary Action Media Unit. Disponível em: <http://www.vamu.org.uk/downloads/voluntmedia.pdf> [Acesso em 15 set. 2007].

- Marula, S. Edwards, B., 2000. From charity to justice. *The American Behavioral Scientist*, 43 (5) p. 895-912.
- McBride, A., 2006. *Civic engagement, older adults and inclusion*. [Draft paper] St. Louis: George Warren Brown School of Social Work, Washington in St. Louis.
- McBride, A., Sherraden, M., & Pritzker, S., 2006 Civic engagement among low-income and low-wealth families: in their words. *Family Relations*, 55, p. 152-162.
- Musick, M., Wilson, J. & Bynum Jr., W., 2000. Race and formal volunteering: the differential effects of class and religion. *Social Forces*, 78 (4) p. 1539-1570. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3006184> [Acesso em 20 abr. 2008].
- Naidoo, K., 2001. *Kumi Naidoo on Civil Society*. Life Matters. Radio Matters. Disponível em: <http://www.abc.net.au/rn/talks/lm/stories/s281525.htm> [Acesso em 1 out. 2007].
- Naidoo, K., 2006. *Statement for XIX IAVE volunteer conference*. November 2006. [Speech] New Delhi: CIVICUS: World Alliance for Citizen Participation.
- Naidoo, K. 2006. Volunteerism and the struggle for justice. *Spectrum*, Issue 14.
- National Commission on Human Development, United Nations Volunteers & the UN System in Pakistan, 2004. Final report. *International Conference on Volunteerism and the Millennium Development Goals*. Islamabad, Pakistan 5-7 December 2004.
- Patel, L., Perold, H., Mohamed, S. & Carapinha, R., 2007. *Five-Country Study on Service and Volunteering in Southern Africa: Research Report*. [Online] Volunteer and Service Enquiry South Africa (VOSESA). Disponível em: <http://www.vosea.org.za/research2.asp> [Acesso em 30 mai. 2008].
- Perold, H., 2000. Worldwide Workshop on Youth Involvement as a Strategy for Social, Economic and Democratic Development. *Worldwide Workshop on Youth Involvement as a Strategy for Social, Economic and Democratic Development*. San José, Dominican Republic 4-7 January 2000. The Ford Foundation: Johannesburg.
- Petriwskyj, A., 2007. Citizen participation as volunteering? Opportunities and challenges for an inclusive definition. *Australian Journal on Volunteering*, 12 (2) p. 82-88.
- Petriwskyj, A., Warburton, J., 2007. Redefining Volunteering for the Global Context: A Measurement Matrix for Researchers. *Australian Journal on Volunteering*, 12 (1), p. 7-13.
- Putnam, R., 2000. *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community*. New York: Simon & Schuster.
- Rochester, C., 2006. *Making sense of volunteering: A literature review*. [Online] London: Volunteering England on behalf of the Commission on the Future of Volunteering. Disponível em: <http://www.volunteering.org.uk/Resources/goodpracticebank/Information/Definitions+of+volunteering.htm> [Acesso em 1 set. 2007].
- Salamon, L., Sokolowski, W., 2001. *Volunteering in Cross-National Perspective Evidence from 24 Countries*. [Online] John Hopkins University, Disponível em: <http://www.jhu.edu/~ccss/publications/cnpwork/> [Acesso em 15 out. 2007].
- Sherrod, L., Flanagan, C., Kassimir, R. & Syvertsen, A., 2005. *Youth Activism: An International Encyclopedia*. Greenwood Press.
- Stover, D., 2004. From Reflective Volunteerism to Civic Activism: Advancing Service Learning Pedagogy through Civic Engagement. *Journal for Civic Commitment*, [Online] Spring 2004. Disponível em: <http://www.mc.maricopa.edu/other/engagement/Journal/Issue3/Stover.pdf> [Acesso em dez. 11, 2006].
- United Nations. 2007. *The Millennium Development Goals Report 2007*. [Online] Disponível em: <http://www.un.org/millenniumgoals/pdf/mdg2007.pdf>.
- United Nations. 1948. *Universal Declaration of Human Rights*. [Online] Disponível em: <http://www.un.org/Overview/rights.html> [Acesso em 06 ago. 2008].
- United Nations Development Programme (UNDP), 2002. *Human Development Report 2002: Deepening democracy in a fragmented world*. [Online]. New York: Oxford University Press (Published 2002). Disponível em: http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2002_EN_Complete.pdf.
- United Nations Development Programme (UNDP) Evaluation Office, 2003. Volunteerism and Development. *Essentials*, [Online] October, No.12, Disponível em: <http://www.undp.org/eo/documents/essentials/volunteerism.pdf> [Acesso em 28 jun. 2007].
- United Nations Population Information Network (POPIN), the UN Population Division, Department of Economic and Social Affairs and the UN Population Fund (UNFPA). *Guidelines on Women's Empowerment*. [Online] Disponível em: <http://www.un.org/popin/unfpa/taskforce/guide/iatfwemp.gdl.html>.
- United Nations Volunteers (UNV), 1999. *Volunteering and Social Development: A Background Paper for Discussion at an Expert Group Meeting*. In: United Nations Volunteers. Expert Group Meeting New York, USA 29-30 November 1999. UNV.
- United Nations Volunteers (UNV). 2006. *Discussion paper on youth volunteering for development in Africa*. [Online] Disponível em: <http://www.worldvolunteerweb.org/browse/volunteering-issues/volunteering-research/doc/discussion-paper-on-youth.html>.
- United Nations Volunteers (UNV), 2006. *Making Distinctive Contributions: Annual Report 2005/2006*, UNV.

Van Deth, J., 2008. Civic Participation in Civil Society around the World. In V. Heinrich & L. Fioramonti, eds. *CIVICUS Global Survey of the State of Civil Society: Volume 2 Comparative Perspectives*. Connecticut: Kumarian Press, Inc. Ch. 14.

Volunteering Australia, 2005. *Information sheet: definitions and principles of volunteering*. [Online] Disponível em: <http://www.volunteeringaustralia.org/files/AOAL2F8K3S/VA%20Definitions%20and%20Principles%20June%202005.pdf>.

Wilson, J., 2000. Volunteering. *Annual Review of Sociology*, [Online] 26, p. 215-240, Disponível em: <http://www.jstor.org> [Acesso em 28 jun. 2007].

Winne, M., 2007. When handouts keep coming, the food line never ends. *Washington Post*, [Online] 18 November. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/11/16/AR2007111601213_pf.html [Acesso em 10 dez. 2007].

World Association of Girl Guides and Girl Scouts. 2008. *Global Call for Action Against Poverty*. [Online] Disponível em: http://www.wagggsworld.org/en/issues/Globalactiondays/Global_call_for_action_against_poverty [Acesso em 25 mai. 2008].

NOTAS

- 1 Essa história e as outras a seguir foram obtidas no decorrer do estudo. Os nomes são fictícios, mas as atividades são verdadeiras. Uma lista completa das fontes consta nos Agradecimentos.
- 2 Harris, P. 2008. Correspondência por e-mail, 1º de abril.
- 3 O voluntariado é comumente entendido como uma ação realizada livremente, por escolha, visando ao benefício de um terceiro ou da sociedade em geral. Embora algumas definições do voluntariado estipulem que não é remunerado, outras definições têm uma formulação diferente, afirmando que não visa ao ganho financeiro. Variações na definição também refletem questões como atividades informais *versus* atividades formais, se o voluntariado traz benefícios para o indivíduo voluntário e se a ação é realizada em conjunto com outras pessoas ou individualmente.
- 4 United Nations Volunteers (UNV), 1999. *Volunteering and Social Development: A Background Paper for Discussion at an Expert Group Meeting*. In: United Nations Volunteers. Expert Group Meeting New York, USA 29-30 November 1999. UNV.
- 5 Sherrod, L., Flanagan, C., Kassimir, R. & Syvertsen, A., 2005. *Youth Activism: An International Encyclopedia*. Greenwood Press.
- 6 Campbell, D., 2000. Social capital and service learning. *Political Science and Politics*, [Online]. 33 (3), p. 641-645. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/420872> [Acesso em 19 abr. 2008].
- 7 Un Techo para Chile. 2008. Qué Hacemos. [Online] Disponível em: <http://www.untechoparachile.cl/> [Acesso em 10 abr. 2008].
- 8 National Commission on Human Development, United Nations Volunteers & the UN System in Pakistan, 2004. Final report. *International Conference on Volunteerism and the Millennium Development Goals*. Islamabad, Pakistan 5-7 December 2004.
- 9 Ayres, B. 2007. [Entrevista por telefone]. 12 de novembro.
- 10 Chimiak, G. 2007. Typology of Volunteer Social Activists. *CIVICUS 8th World Assembly*. Glasgow, Scotland 14-18 May 2007.
- 11 Osbourne, W. 2007. [Entrevista por telefone]. 5 de novembro.
- 12 Nabti, P. 2008. [Entrevista por telefone]. 16 de janeiro.
- 13 Franco, M., 2008. *Creating a bright SPARK for refugee students*. [Email] (Apresentação de relato, 5 de fevereiro de 2008).
- 14 Emmanuel, K. 2007. [Entrevista por telefone]. 14 de novembro.
- 15 Osbourne, W. 2007. [Entrevista por telefone]. 5 de novembro.
- 16 Brown, H. 2008. [Entrevista por telefone]. 21 de janeiro.
- 17 Harris, P. 2008. Correspondência por e-mail, 1º de abril.

- 18 Petriwskyj, A., 2007. Citizen participation as volunteering? Opportunities and challenges for an inclusive definition. *Australian Journal on Volunteering*, 12 (2) p. 82-88.
- 19 Woods, D., 2008. *Volunteer Action in Nepal*. [Email] (Apresentação de relato, 21 de fevereiro de 2008).
- 20 Anopue, V. 2007. [Questionário de entrevista]. 13 de novembro.
- 21 Ball, M., Boldosser, A., Cronin, K., Mantilla, L., Ojascastro, D., & Rogosin, C., 2006. *Integrating Gender: Lessons Learned from the Millennium Challenge Account in Honduras*. [Relatório de pesquisa] New York: Columbia University School of Public and International Affairs. Não publicado.
- 22 Idogho, O. 2007. [Entrevista por telefone]. 2 de novembro.
- 23 Nada, M. 2007. [Entrevista por telefone]. 1º de novembro.
- 24 United Nations. 1948. *Universal Declaration of Human Rights*. [Online] Disponível em: <http://www.un.org/Overview/rights.html> [Acesso em 6 ago. 2008].
- 25 Kasanda, J., 2008. *Centre des Recherches et d'Orientations Scientifiques (CROS) Story of Volunteer Action*. [Email] (Apresentação de relato, 2 de fevereiro de 2008).
- 26 CIVICUS: World Alliance for Citizen Participation, International Association for Volunteer Effort (IAVE) & United Nations Volunteers (UNV). 2006. *Partnership pledges to promote volunteers' role in social activism*. [Online] World Volunteer Web. Disponível em: <http://www.worldvolunteerweb.org/browse/sectors/activism/doc/partnership-pledges-to-promote.html>. June 6. [Acesso em 5 abr. 2008].
- 27 CIVICUS: World Alliance for Citizen Participation, International Association for Volunteer Effort (IAVE) & United Nations Volunteers (UNV). 2006. *Partnership pledges to promote volunteers' role in social activism*. [Online] World Volunteer Web. Disponível em: <http://www.worldvolunteerweb.org/browse/sectors/activism/doc/partnership-pledges-to-promote.html>. June 6. [Acesso em 5 abr. 2008].
- 28 Cruz, A. 2008. [Questionário de entrevista]. 28 de janeiro.
- 29 Polesana, M. 2008. [Entrevista por telefone]. 6 de fevereiro.
- 30 Osbourne, W. 2007. [Entrevista por telefone]. 5 de novembro.
- 31 Caputo, R., 1997. Women as volunteers and activists. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 26 (2), p. 156-174.
- 32 Yadav, V., 2008. *The Spirit of Volunteering*. [Email] (Apresentação de relato, 15 de fevereiro de 2008).
- 33 Abdou, E. 2008. [Entrevista por telefone]. 26 de janeiro.
- 34 Omondi, T. 2008. [Entrevista por telefone]. 22 de fevereiro.
- 35 Putnam, R. 2000. *Bowling Alone: Collapse and Revival of American Community*. New York: Simon & Schuster.
- 36 Kennedy, C., 2007. Making a difference at home. *Times Online* [internet] 29 August. Disponível em: http://www.time.com/time/specials/2007/article/0,28804,1657256_1657317_1657423,00.html [Acesso em 27 mai. 2008].
- 37 Brown, H. 2008. [Entrevista por telefone]. 21 de janeiro.
- 38 Hayat, S., 2008. *Volunteerism – feeling the value & power*. [Email] (Apresentação de relato, 15 de fevereiro de 2008).
- 39 Idogho, O. 2007. [Entrevista por telefone]. 2 de novembro.
- 40 Nweneka, C. 2008. [Entrevista por telefone]. 21 de janeiro.
- 41 Gohar, A. 2007. [Questionário de entrevista]. 22 de novembro.
- 42 Wedderburn, J. 2008. [Entrevista por telefone]. 24 de janeiro.
- 43 Dang, H. 2007. [Questionário de entrevista]. 13 de novembro.
- 44 Patel, L., Perold, H., Mohamed, S. & Carapinha, R., 2007. *Five-Country Study on Service and Volunteering in Southern Africa: Research Report*. [Online] Volunteer and Service Enquiry South Africa (VOSESA). Disponível em: <http://www.vosea.org.za/research2.asp> [Acesso em 30 mai. 2008].

- 45 Cremades, R. 2008. Participation for Social Change. *20th World IAVE Volunteer Conference*, Panama City, Panama 2-5 April 2008.
- 46 Harris, P. 2008. Correspondência por e-mail sobre o International Movement ATD Fourth World, 1º de abril.
- 47 Salmon, J. 2008. Correspondência por e-mail sobre o Sisterhood is Global Institute, 7 de janeiro.
- 48 Nchii, F., 2008. *CDVTA Cameroon: Using community based volunteers to care for the elderly in Cameroon*. [Email] (Apresentação de relato, 14 de fevereiro de 2008).
- 49 Osbourne, W. 2007. [Entrevista por telefone]. 5 de novembro.
- 50 Em *Activists Beyond Borders: Advocacy Networks in International Politics*, Margaret Keck and Kathryn Sikkink definem a realização de campanhas como “um conjunto de atividades interconectadas, por meio das quais as pessoas são mobilizadas para participarem visando atingir uma meta em comum.” pgs. 6-8
- 51 Floretta, J., 2008. *Volunteers Advocate for Personal Responsibility to Combat Climate Change in the Green Live Earth Concert in Shanghai*. [Email] (Apresentação de relato, 18 de fevereiro de 2008).
- 52 World Association of Girl Guides and Girl Scouts. 2008. *Global Call for Action Against Poverty*. [Online] Disponível em: http://www.waggsworld.org/en/issues/Globalactiondays/Global_call_for_action_against_poverty [Acesso em 25 mai. 2008].
- 53 Gita Sen define empoderamento como “o processo por meio do qual as pessoas sem poder ganham mais controle sobre as circunstâncias de suas vidas”.
- 54 Nas Guidelines on Women's Empowerment da United Nations Population Information Network (POPIN), UN Population Division, Department of Economic and Social Affairs e o UN Population Fund (UNFPA) o empoderamento de mulheres se define assim: “O empoderamento de mulheres tem cinco componentes: o sentido feminino de auto-valorização; seu direito de ter e determinar escolhas; seu direito de ter acesso a oportunidades e recursos; seu direito de ter o poder de controlar suas próprias vidas, tanto dentro como fora do lar e sua capacidade de influenciar a direção da mudança social e de criar uma ordem social e econômica mais justa, nacional e internacionalmente”. <http://www.un.org/popin/unfpa/taskforce/guide/iatfwemp.gdl.html>.
- 55 Acción Internacional por la Salud Bolivia – AIS (International Action for Health – Bolivia), 2008. *Acción Internacional por la Salud Bolivia – AIS*. [Email] (Apresentação de relato, 12 de fevereiro de 2008).
- 56 Em Citizen participation as volunteering? Opportunities and challenges for an inclusive definition por Andrea M Petriwskyj, a participação cidadão se define como “aquelas ações realizadas por cidadãos, por meio das quais buscam influenciar ou apoiar o governo”.
- 57 Pradhanang, Y., 2008. *Volunteerism effort of Kyrdany village – Recovery and Development from Chornobyl Catastrophe*. [Email] (Apresentação de relato, 14 de fevereiro de 2008).
- 58 Figueiredo, D. & Hlophe, N., 2008. *Ordinary children doing extraordinary things: the Mkhazane Buddyz Club*. [Email] (Apresentação de relato, 8 de fevereiro de 2008).
- 59 Dooley, B. 2007. [Entrevista por telefone]. November 1.
- 60 1576, Bakers & Mediacom, 2006. *Volunteering campaign: strategy and execution summary 2006: recommendations for 2007. [‘You won't believe what you can do' campaign]* One Scotland Scottish Executive and Volunteer Centre Network Scotland
- 61 Moore-McBride, A. 2007. [Entrevista por telefone]. 6 de novembro.
- 62 Tiphagne, H. 2007. [Entrevista por telefone]. 21 de novembro.
- 63 Osbourne, W. 2007. [Entrevista por telefone]. 5 de novembro.
- 64 Wedderburn, J. 2008. [Entrevista por telefone]. 24 de janeiro.
- 65 Laino, V. 2007. [Entrevista por telefone]. 13 de novembro.
- 66 United Nations. 2007. *The Millennium Development Goals Report 2007*. [Online] Disponível em: <http://www.un.org/millenniumgoals/pdf/mdg2007.pdf>.
- 67 Allen, K., 2001. Citizen Action and Volunteering: Building a Movement for Social and Economic Change. *CIVICUS 4th World Assembly. Vancouver, Canada 2001*, Não publicado.



International Association of Volunteer Effort

